

## **COLÉGIO PEDRO II**

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura

Programa de Pós-Graduação em Educação das  
Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá)

Renata Ruth Bastos Oliveira

### **MOVENDO AS ESTRUTURAS: PRÁTICAS FEMININAS ANTIRRACISTAS NO COLÉGIO PEDRO II**

Rio de Janeiro  
2021



Renata Ruth Bastos Oliveira

**MOVENDO AS ESTRUTURAS: PRÁTICAS FEMININAS ANTIRRACISTAS NO  
COLÉGIO PEDRO II**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino básico (Ererebá), vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico.

Orientador (a) Professor (a) Dra. Silvia Barros da Silva Freire.

Rio de Janeiro  
2021

**COLÉGIO PEDRO II**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**  
**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**  
**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

O48 Oliveira, Renata Ruth Bastos

Movendo as estruturas: práticas femininas antirracistas no Colégio Pedro II / Renata Ruth Bastos Oliveira. - Rio de Janeiro, 2021.

71 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá)) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Sílvia Barros da Silva Freire.

1. Relações étnico-raciais – Estudo e ensino. 2. Educação. 3. Antirracismo - Brasil. 4. Mulheres negras. 5. Prática docente. I. Freire, Sílvia Barros da Silva. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 305.8

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

Renata Ruth Bastos Oliveira

**MOVENDO AS ESTRUTURAS: PRÁTICAS FEMININAS ANTIRRACISTAS NO  
COLÉGIO PEDRO II**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá), vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico.

Aprovado em: 08 / 06 / 2021.

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Sílvia Barros da Silvia Freire (Orientadora)  
Colégio Pedro II

---

Prof<sup>a</sup> M.a. Caroline da Matta Cunha Pérez (Examinadora externa)  
Colégio Pedro II

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Máxima Gonçalves (Examinadora interna)  
Colégio Pedro II

*“Viver é partir, voltar e repartir”  
(Emicida).*

## AGRADECIMENTOS

“Eu sou o sonho dos meus pais, que eram sonhos dos avôs  
Que eram sonhos dos meus ancestrais  
Vitória é sonho dos olhares, que nos aguardam nos lares  
Crendo que na volta somos mais...”

Com esse trecho de uma das minhas músicas preferidas do Emicida eu gostaria de começar os meus agradecimentos e nada melhor do que começar pelo começo, por aqueles e aquelas que vieram antes de mim e que de alguma forma sonharam e lutaram para que eu chegasse até aqui. Desejando que eles estivessem aqui, mas crendo que de alguma maneira estão, gostaria de agradecer aos meus avôs Adolpho, Ruth, Carlos e Vera (*In memoriam*), pelo amor infinito depositado em minha vida, sem vocês nada teria sido possível, eternamente grata!

Aos meus pais, Raul e Valéria, por tudo, cada minuto, cada detalhe, cada oração, cada noite de sono perdida nesses 27 anos de vida e cada sacrifício que eu nem tenho ideia de que já fizeram para que eu chegasse até aqui, muito obrigada!

Aos meus irmãos, que dão graça, leveza e trazem muito amor para os meus dias, cada pedacinho de mim ama cada pedacinho de vocês. Matheus, Raphael, Kizzy, João Pedro, Zora e Catherine, amo vocês!

Toda minha família, pelo apoio incondicional as minhas escolhas.

Aos meus amigos, pela força e incentivo quando eu pensei em desistir.

À Silvia, minha orientadora carinhosa, paciente e com sua leitura atenta, delicada e afetiva trouxe um pouco mais de leveza para escrita nesses tempos pandêmicos;

A todas e todos os professores que passaram pela minha vida compromissados com uma educação de qualidade e acreditando que é possível construir uma educação antirracista.

A Deus pela vida, dom da vida todos os dias!

“Tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós”.

## RESUMO

OLIVEIRA, Renata Ruth Bastos. **Movendo as estruturas:** práticas femininas antirracistas no Colégio Pedro II. 2021. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2021.

Entre as lembranças de uma ex-aluna do Colégio Pedro II, a importância da lei nº 10.639/03, o conceito de epistemicídio e outras abordagens, buscou-se, neste trabalho, reverter uma lógica de valorização que se volta para uma produção de conhecimento majoritariamente masculina e branca para chamar atenção para aquilo que tem sido elaborado no âmbito do Colégio Pedro II por professoras que visam à construção de um currículo antirracista permanente que lance luz sobre a produção de mulheres negras nos mais diferentes campos do conhecimento. A pesquisa foi dividida em três capítulos, em que o primeiro aborda a importância de um fazer pedagógico antirracista, o segundo aprofunda a relação entre docência, gênero e raça e o terceiro traz a análise dos projetos escolhidos. O objetivo é analisar como essas práticas femininas antirracistas no cotidiano do Colégio Pedro II podem impactar positivamente a vida de estudantes e de docentes que se colocam à disposição de renovar suas práticas.

**Palavras-chave:** Educação antirracista. Mulheres negras. Práticas docentes. Relações étnico-raciais.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2. PEDAGOGIA ENGAJADA.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 Pedagogias que emergem.....</b>	<b>15</b>
<b>2.2 Os caminhos abertos pela lei nº 10.639/03 .....</b>	<b>17</b>
<b>3. MOVENDO AS ESTRUTURAS .....</b>	<b>20</b>
<b>3.1 O que eu gostaria que a minha professora soubesse? .....</b>	<b>23</b>
<b>3.2 Ao Pedro II tudo ou nada: Relembrando Experiências.....</b>	<b>25</b>
<b>4. EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA COMO PRÁTICA DE LIBERDADE .....</b>	<b>31</b>
<b>4.1 Neabi CP2 e sua importância para o avanço e permanência de práticas antirracistas .....</b>	<b>32</b>
<b>4.2 Uma Pandemia e agora? .....</b>	<b>34</b>
<b>4.3 Mulheres Negras e Literatura: um encontro precioso.....</b>	<b>35</b>
<b>4.3.1 Da teoria à prática: como funcionam as atividades da oficina ...</b>	<b>37</b>
<b>4.3.2 Outras ações... Para além do muro da escola .....</b>	<b>41</b>
<b>4.4 Fórum das Minas.....</b>	<b>44</b>
<b>4.4.1 Ações antirracistas e multidisciplinares.....</b>	<b>47</b>
<b>4.5 Fórum Permanente de Discussão Étnico-Racial .....</b>	<b>49</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>
<b>ANEXO A – MEMORIAL MULHERES NEGRAS E LITERATURA 2017.....</b>	<b>55</b>

**ANEXO B – MEMORIAL MULHERES NEGRAS E LITERATURA 2018 ..... 63**

**ANEXO C – FÓRUM PERMANENTE DE DISCUSSÃO ÉTNICO RACIAL 2018**

**..... 72**

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Carteirinha de estudante.....	25
Figura 2 – Classe de alfabetização .....	26
Figura 3 – 1ª série .....	27
Figura 4 – 3ª série .....	28
Figura 5 – 1º Circuito em comemoração ao dia da mulher negra latino-americana e Caribenha .....	30
Figura 6 - Oficina de mulheres negras e literatura .....	35
Figura 7 - Oficina Mulheres negras e literatura.....	37
Figura 8 - Oficina Mulheres negras e literatura.....	39
Figura 9 - Oficina Mulheres negras e literatura.....	40
Figura 10 - Oficina Mulheres negras e literatura.....	41
Figura 11 - Oficina Mulheres negras e literatura.....	42
Figura 12 - Oficina Mulheres negras e literatura.....	43
Figura 13 - Oficina Mulheres negras e literatura.....	44
Figura 14 - Fórum das Minas .....	44
Figura 15- Revista Marie Clarie .....	45
Figura 16 - Fórum das Minas .....	46
Figura 17- Circuito em comemoração ao dia da mulher negra latino-americana e Caribenha.....	48
Figura 18 - Fórum das Minas .....	49
Figura 19 - Fórum Permanente de Discussão Étnico-Racial.....	50
Figura 20 - Fórum Permanente de Discussão Étnico-Racial.....	51

## 1. INTRODUÇÃO

O Colégio Pedro II faz parte da minha vida há, pelo menos, 20 anos. O privilégio de ser aluna de uma escola pública de qualidade e socialmente referenciada certamente reverberou em toda a minha vida acadêmica até aqui. A entrada em uma universidade pública como a UERJ, o ingresso em um programa de especialização, a curiosidade sobre o mundo em conjunto com a inconformidade com as desigualdades sociais e raciais também são frutos de 14 anos de educação básica nesse colégio.

No ano de 2000, ingressei na instituição, na então classe de alfabetização, à época, com apenas seis anos. Algumas fotos me fazem lembrar que, mesmo dentro de uma escola pública, dividia a sala com apenas mais 4 crianças negras. Certamente naquele momento isso não era algo que me chamava atenção, mas, a longo prazo, fez toda a diferença na formação da minha identidade como uma criança negra e, conseqüentemente, como mulher.

Assim como na vida da maioria das crianças negras, foi na escola o meu primeiro contato com o racismo e os diversos sentimentos que ele pode gerar em nós, pretas e pretos. Medo, rejeição, auto-ódio, baixa autoestima e tantos outros. Aliado a isso, um processo de escolarização fora do padrão esperado. Mas qual seria o padrão de uma aluna tida como rebelde, indisciplinada e tantos outros adjetivos? Compreender que o racismo não é só aquilo que te falam em relação a sua cor, mas também, muitas vezes, o lugar onde te encaixam na sociedade é essencial para entendermos o quanto as relações raciais estão impregnadas em tudo aquilo de que fazemos parte ao longo da vida, inclusive da escola.

Desse modo, peço licença para fazer deste trabalho um alto-falante, ou, como nos ensina nossa grande mestra Conceição Evaristo, uma escrevivência, isto é, narrar as histórias, momentos, vivências a partir daquilo que me toca e do que esse trabalho se dispõe a estudar. A potência das práticas e projetos feitos por professoras que atuam no Colégio Pedro II, no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio, que usam esse espaço para trabalhar as questões raciais e desenvolvem propostas para uma educação antirracista efetiva através de seus saberes e de seus lugares de produtoras de saber e de conhecimento.

Dito isso, gostaria de trazer ao longo dos próximos parágrafos os motivos desta pesquisa, os caminhos por onde pretendo seguir e quem irá me acompanhar ao longo desse trajeto. Mesmo que a academia nos dificulte nesse processo, acredito na importância de assumir um compromisso para que a maior parte da bibliografia aqui referenciada seja de mulheres negras comprometidas com a luta antirracista, dentre elas destaco Giovana Xavier, bell hooks, Djamila Ribeiro, Luana Tolentino, Conceição Evaristo, Chimamanda Ngozi Adichie, Nilma Lino Gomes, Patricia Hill Collins entre outras que eu possa encontrar no caminho para fortalecer e basear a minha escrita e enriquecer mais ainda este trabalho.

A escolha deste tema tem um atravessamento muito pessoal: pesquisar mulheres negras e suas práticas diz muito a respeito de mim e do motivo pelo qual resolvi chegar até aqui, em um programa de pós-graduação. Lembro-me de que, quando pequena, o meu maior sonho era ser dentista, até porque vivi um bom tempo em suas cadeiras para um tratamento muito específico que tive que fazer na infância. Sustentei essa vontade por um bom tempo, mas, quando mudou, foi definitivo.

Durante os cinco anos do Ensino Fundamental I, tive uma única professora, Rita o nome dela, por quem até hoje nutro muito carinho, admiração e muita gratidão. Rita foi minha professora após minha primeira repetência, logo no primeiro ano do Ensino Fundamental. Desde então a tenho como minha referência e lembro que os muitos anos de contato com Rita me fizeram mudar de ideia em relação à profissão que eu gostaria de seguir. Precisava me tornar professora para ser para alguém tudo o que ela um dia representou para mim. E assim se fez. Além disso, minha mãe, que também é professora, foi um grande espelho.

Rita é uma mulher branca que foi e segue sendo referência para mim, mas, muitas vezes, me pego pensando como seria ter tido nesse papel uma mulher negra? Eu não sei, pois não tive, nos primeiros anos do Ensino Fundamental, uma professora assim, mas tenho feito de tudo para ser e é a partir daí que pretendo observar as práticas dessas mulheres, que têm aproveitado seus lugares de referência para preencher uma grande lacuna que talvez nem elas saibam o tamanho. Aproveito este momento para adiantar que, ao fazer a busca por projetos que envolvessem educação antirracista, surgiram, como resultado, iniciativas de grupos de pesquisa e eventos coordenados por docentes brancas.

Entendendo que todas as pessoas devem se responsabilizar pela (re)educação das relações étnico-raciais, optei por inserir algumas dessas iniciativas neste trabalho.

É importante ressaltar que as observações serão feitas a partir das práticas e projetos situados no segundo segmento do Ensino Fundamental ou no Ensino Médio, onde, diferentemente da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, as mulheres acabam perdendo um pouco da centralidade que ocupavam, principalmente as mulheres negras. Quando olhamos para um panorama maior, conseguimos observar que, quando buscamos professoras com uma formação mais ampla, que acontece como exigência para se exercer as licenciaturas, acabamos por perceber que, muitas vezes, as mulheres negras nem aparecem. Consigo contar em uma única mão as professoras negras que tive da segunda etapa do ensino fundamental até o médio. Isso, certamente, é um reflexo das limitações encontradas por pessoas negras para prosseguirem seus processos formativos, partindo do princípio de que as professoras do primeiro ciclo da educação básica, muitas vezes, possuem apenas o curso de formação de professores em nível médio.

Este trabalho será dividido em 4 capítulos. No primeiro, trago a importância de um fazer pedagógico antirracista para uma sociedade mais justa e igualitária. Ainda nesse capítulo, trago alguns conceitos que justificam a relevância de pensarmos, então, um novo jeito de fazer educação, trazendo luz para essas práticas que fogem do padrão eurocêntrico e masculino e se respaldam legalmente na lei federal 10639/03 que também será sistematicamente apresentada nesse capítulo.

No segundo capítulo, me aprofundo na relação entre docência, gênero e raça e como a intersecção dessas três categorias é potente para construção de novas práticas educacionais. O terceiro capítulo é destinado à parte mais prática da pesquisa. E, por fim, no último capítulo pretendo trazer a conclusão deste estudo e todas as implicações que ele pode ter para uma boa e incisiva educação das relações étnico raciais e de que maneira ele contribui para a minha formação.

## 2. PEDAGOGIA ENGAJADA

*Eu nunca quis abandonar a convicção de que é possível dar aula sem reforçar os sistemas de dominação existentes. Precisava ter certeza que os professores não têm de ser tiranos na sala de aula.*

(bell hooks, 2017, p. 31).

A escola é um espaço de constantes relações sociais que se estabelecem nas mais diferentes maneiras e, para além disso, é um lugar de experiências. Cada indivíduo que passa por lá tem uma experiência para contar, seja ela comum a outros ou puramente pessoal. Um outro aspecto que não podemos perder de vista, principalmente quando buscamos nos aproximar das discussões acerca das relações raciais, é que a escola é um lugar de intensa relação de poder, poder esse que visa perpetuar uma estrutura hegemônica europeia/branca que dá legitimidade a discursos e ações racistas dentro da escola e que não se desligam dos conteúdos e das maneiras de ensinar e aprender.

As estruturas de educação formal que nos são apresentadas acabam por fortalecer cada vez mais tensões que cooperam para a manutenção de um apagamento, para o silenciamento de algumas histórias em benefício de outras, como elucida Luana Tolentino.

No espaço escolar, o preconceito e a discriminação racial se manifestam das diferentes formas de diferentes modos: pelo silenciamento ou ocultação das assimetrias existentes entre brancos e negros no que tange à participação social: ao negar à população negra a condição de protagonista na formação do Brasil; e também sendo conveniente e omissa com atitudes que menosprezam os estudantes afro-brasileiros. (TOLENTINO, 2018, p. 35).

Será, então, que nós, professores, estamos preparados para o enfrentamento contínuo e diário das problemáticas referentes às questões raciais dentro da escola? Assumir essa postura pode custar um desgaste emocional e psicológico, até porque não é raro encontrarmos o discurso de que discutir as relações raciais não é papel da escola. Esses argumentos servem para nos confirmar cada vez mais o pensamento reducionista sobre o papel da escola de apenas transmitir conteúdos de maneira completamente desvinculada da realidade social brasileira.

Como podemos pensar em uma escola no Brasil, sobretudo pública, sem uma discussão séria sobre as relações raciais? Pauta cada vez mais presente nas relações sociais. Distanciar a educação daquilo que acontece na sociedade é um grande equívoco que talvez seja irreversível para muitas pessoas que acreditam não se encaixar mais nesse espaço que deveria ser de todos, mas que, por vezes, se torna violento e segregador. Sendo assim, negar a educação como um processo longo e que segue seu fluxo ao longo da vida é contraditório e dificulta ainda mais o movimento para uma mudança radical nessa estrutura que tem como premissa servir a sociedade na qual está inserida.

Mas nem tudo está perdido, isso há de nos consolar. Há uma crescente nos números de educadores que procuram se (re)formar a fim de estarem cada vez mais preparados para lidar com essas questões dentro do ambiente escolar. Seja por um ímpeto pessoal de se descobrirem como pessoas negras que ocupam lugares de visibilidade frente a uma sala de aula por vezes lotada, seja por obrigação pós lei 10639/03, modificada pela lei 11645/08. Mas o fato é que temos visto, embora em passos lentos, algumas mudanças nos posicionamentos de educadoras e educadores que fazem com que a educação se torne de fato um lugar de libertação, como traz bell hooks (2017) em *Ensinando a transgredir*.

Quando a educação é a prática de liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo. (hooks, 2017, p. 35).

É nessa brecha que este trabalho pretende se encaixar e buscar referências daquelas que resolveram se posicionar frente a isso e vencer a passividade que assola muitas educadoras e educadores. Acredito que, a partir deste momento, é importante frisar que esta pesquisa será direcionada a práticas femininas. A intenção não é em momento nenhum criar algum tipo de separação, mas valorizar o lugar de mulheres negras que, de modo geral, em uma lógica perversa, se encontram na base da pirâmide social, é importante mostrar quem rompeu e que pode levar tantas outras a romper.

## 2.1 Pedagogias que emergem

A academia, por muitas vezes, é um lugar onde o corpo negro não encontra encaixe, não porque não queira, mas porque não deixam. O silenciamento das questões raciais passa não só pela dificuldade ao acesso dos bens culturais e históricos da diáspora africana, mas também à real permanência de pessoas negras nos espaços escolar ou universitário, seja pelo racismo que nos persegue pelo simples fato de sermos quem somos, ou pelas estruturas sociais que muitas vezes nos imobilizam e impedem que nos movamos em direção a uma possível ascensão.

As políticas de ações afirmativas são, sem dúvidas, um importante instrumento para a mudança desse quadro e certamente a chegada de mais pessoas negras nas universidades trouxe a necessidade de algumas mudanças – não sem muita luta – das estruturas curriculares e, conseqüentemente, da formação de novos professores e professoras. Mesmo que em algumas licenciaturas as mudanças tenham sido insignificantes, apenas a presença de pessoas pretas significa mudanças estruturais importantes.

Assim, penso pedagogias emergentes como aquelas que ascendem apesar das estruturas rígidas e acabam por impactar lugares outrora improváveis, como, por exemplo, uma escola tradicional como o Pedro II.

O epistemicídio é um conceito interessante para pensarmos a necessidade de uma pedagogia emergente. Segundo Boaventura de Souza Santos, epistemicídio traz a ideia da morte ou da inferiorização dos conhecimentos. Sueli Carneiro, por sua vez, aprofunda esse conceito em sua tese de doutorado a partir do viés racial e destaca:

[...] o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc. É uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que em outros casos lhe é imposta. Sendo, pois, um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais (CARNEIRO, 2005, p. 97).

Embora seja um conceito relativamente recente, o processo de epistemicídio não é novo, visto que nossa sociedade é estruturada para o silenciamento das produções de pessoas negras, de suas culturas e conhecimentos de modo geral e, dentro do ambiente escolar, isso fica completamente visível. A construção dos currículos, bem como aquilo que é valorizado como conteúdo, segue um padrão eurocêntrico e que não valoriza a diversidade.

Com isso, a necessidade de se reformular e refazer esse caminho é urgente. Fazer emergir novas pedagogias, novos modos de se pensar e fazer educação, trazendo outras referências que não as que já estão postas é essencial para pensarmos em uma sociedade melhor, menos racista, machista e desigual.

Com isso, neste trabalho, pretendo reafirmar que há muito conhecimento produzido, pensado e executado por pessoas negras e aqui, especialmente, por mulheres que constroem uma intelectualidade acessível e pautada na valorização de valores afro referenciados.

Antes de apresentar os projetos escolhidos para construir este trabalho, acredito que seja importante apresentar alguns dos pontos que me levaram a eles. Iniciei fazendo uma pesquisa nos sites de cada campus que oferece o ensino fundamental II e médio, nove no total. As palavras usadas para pesquisa foram *africana e negra*. Em todas as buscas foi possível encontrar algum resultado como festas, feiras, projetos interdisciplinares, coletivo de alunos e palestras. Desse modo, a partir dessa primeira pesquisa, foi possível constatar que as questões raciais atravessam, de alguma maneira prática, o cotidiano dessa escola e de seus alunos. O único campus que não apresenta nenhuma informação é o de Duque de Caxias<sup>1</sup>.

## 2.2 Os caminhos abertos pela lei nº 10.639/03

Historicamente, o acesso de pessoas negras à Educação Básica é um marco recente, menos de 200 anos, diante disso é possível perceber que a educação formal para pessoas negras nasce de um contexto de desigualdade que tem reflexo até os dias de hoje. A educação formal no Brasil, desde o começo, preocupou-se em atender as demandas dos homens brancos das classes dominantes.

Com o processo de abolição da escravatura, outras demandas foram surgindo. Com altíssimo nível de exclusão social e com todas as dificuldades financeiras, estruturais, de saúde e de tantas outras ordens, era preciso encontrar condições para buscar igualdade, o que não seria nada fácil, afinal foram mais de três séculos de escravização

---

<sup>1</sup>O *campus* Duque de Caxias só atende o Ensino Médio. O que talvez possa interferir na pesquisa.

de pessoas negras. Era preciso começar. Desse modo, o entendimento de que a educação poderia ser uma das formas de ascensão social e mudança de status foi essencial.

Por mais que saibamos que nem sempre o espaço escolar cumpre com o compromisso de desfazer as desigualdades sociais, não há dúvidas de que, para o povo preto, a busca por instrução é um fator importante para as inúmeras possibilidades sociais, econômicas e inclusive a possibilidade de competir com brancos em igualdade. Por isso, todas as conquistas no âmbito educacional precisam ser comemoradas.

A Lei Federal nº 10.639, de 2003, que institui a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nas instituições de educação públicas e privadas, é, sem dúvidas, uma das maiores vitórias do movimento negro nos últimos anos no que diz respeito à educação. Não foi uma vitória sem lutas obviamente. A inserção da cultura africana e afrodescendente nos currículos escolares certamente representa um avanço e uma conquista não só para os estudiosos da área, mas para toda população brasileira. A falta dessa discussão dentro da escola, por muito tempo, fez com que preconceitos fossem reproduzidos e, ao longo dos anos, uma visão deturpada das relações étnico-raciais foi gerada, já que a contribuição cultural e histórica do negro, na construção do Brasil, foi silenciada.

O Movimento Negro Unificado, MNU, criado na década de 70 foi (e ainda é) uma importante frente dos movimentos sociais da negritude com uma luta comprometida com o rompimento de barreiras racistas. Ele foi importantíssimo na conquista de vários direitos e implementação de políticas públicas e ações afirmativas.

A promulgação da lei não gerou uma mudança imediata nos currículos e tampouco na mentalidade dos professores e esse é um dos desafios após alguns anos da sua institucionalização. Muitos são os obstáculos para a plena efetividade da lei, como a falta de formação continuada para os profissionais da educação e o desinteresse em abordar a temática por parte desses profissionais. Vale salientar que, em sua maioria, os próprios profissionais nunca receberam uma educação que contrapusesse a norma eurocêntrica/branca e, conseqüentemente, a reflexão acerca da importância das suas práticas docentes no combate ao racismo. Como destaca Munanga (2001):

Alguns professores por falta de preparo ou por preconceitos introjetados neles não sabem lançar mão de situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala de aula como momento pedagógico privilegiado para discutir a importância e a riqueza que ela traz a nossa cultura e na nossa identidade nacional (MUNANGA, 2001, p. 7-8).

Com a luta permanente do Movimento Negro, alguns setores da sociedade começaram a entender a importância e a necessidade de uma reformulação nos currículos escolares e nas mentalidades como um todo, com isso algumas iniciativas para além da lei começaram a se fazer presentes a fim de colaborar com a formação dos professores, da sociedade civil e também para o cumprimento efetivo da lei. A junção público e privado que, por vezes, pode ser controversa e complexa, apresentou com este projeto diversas possibilidades.

Hoje, 18 anos depois da promulgação da lei, precisamos nos manter alertas para os obstáculos que querem colocar nesse caminho pavimentado com muita luta e resistência. As políticas de retrocesso adotadas pelos governos atuais não podem se sobrepor a tudo que conquistamos até aqui.

Para a construção de uma educação antirracista é necessário um intenso comprometimento de toda a comunidade escolar para a não reprodução de ações racistas e discriminatórias. Isso só será possível através de intensa formação docente e escolar. Nossos professores precisam ter instrumentos para combater qualquer tipo de discriminação e em qualquer modalidade de ensino. É preciso criar familiaridade com novas abordagens e maneiras de tratar a diversidade dentro da escola.

### 3. MOVENDO AS ESTRUTURAS

*A academia não é um paraíso, mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado*  
(bell hooks, 2017, p. 273).

Vivemos em uma sociedade racista. Embora haja quem negue a existência desse problema em nossa sociedade, aquelas e aqueles que vivenciam isso na pele todos os dias são testemunhas de que esse crime está impregnado em cada esfera das estruturas sociais. Qual é o lugar reservado para uma pessoa negra em nossa sociedade? E dentro desse lugar, qual é o lugar das mulheres negras? Além de racista, nossa sociedade é também machista, reservando para mulheres negras um lugar específico dentro das estruturas de opressão.

Lélia Gonzalez, uma das mais importantes intelectuais negras brasileiras, apresenta algumas reflexões acerca do racismo e do sexismo no Brasil, e de que maneira isso interfere nas vivências e experiências de mulheres negras.

Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados. (GONZALEZ, 2020, p. 69).

A ideia de normalizar a subalternação da mulher negra já ocupa um lugar comum no nosso imaginário social, imaginário este reforçado pelos meios de comunicação, pela dificuldade de inserção no mercado de trabalho em atividades bem remuneradas e pelos muitos estereótipos que cercam o corpo de uma mulher negra como a hipersexualização, a ideia da mãe preta e da doméstica, com isso, “o lugar que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo” (GONZALEZ, 2020, p. 26). Essa intersecção de opressões que opera em nossa sociedade demonstra o modo com que as pessoas se surpreendem com a possibilidade de ascensão social das pessoas negras, o que acontece de forma pontual, mas acaba por acionar e reforçar o mito da democracia racial.

Mito da democracia racial, em poucas palavras, é a crença de que vivemos em um sistema que trata todas as pessoas de maneira igual, negando, assim, a existência do racismo e de todas as suas implicações à população preta. Em cima disso, constrói-se um

mito, negando a existência de um sistema opressor de séculos e imputando aos próprios negros a responsabilidade pelas opressões que eles mesmos sofrem.

E quem se beneficia com o mito da democracia racial e com a crença de que somos todos iguais? Sem dúvidas a branquitude, que segue negando a existência dos problemas estruturais que o racismo traz e se eximindo das responsabilidades para mudanças efetivas.

A negação é essencial para a continuidade do racismo. Ele só consegue funcionar e se reproduzir sem embaraço quando é negado, naturalizado, incorporado ao nosso cotidiano como algo normal. Não sendo o racismo reconhecido, é como se o problema não existisse e nenhuma mudança fosse necessária. A tomada de consciência, portanto, é um ponto de partida fundamental. (WESTIN, 2020, s.p).

Quando rompemos com imaginário social do lugar de inferioridade e ocupamos o lugar de produção de conhecimento, acontece uma mudança significativa, mesmo que não seja visível a olho nu. Barreiras sociais são derrubadas, levando em consideração a posição da mulher negra na base da pirâmide social, assim, como disse em uma palestra, Angela Davis<sup>2</sup>, quando esteve no Brasil em 2017:

Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras, muda-se a base do capitalismo. (DAVIS, 2017).

Desse modo, é preciso ter atenção a essas movimentações a ponto de celebrar, valorizar e criar maneiras para que as mulheres negras não sejam mais a base dessa pirâmide e possam estar em pé de igualdade com resto da sociedade. Pesquisar práticas femininas é resultado de uma busca muito pessoal de lançar luz sobre aquilo que tem sido produzido por mulheres negras como eu, que, com toda dificuldade que existe em ser uma preta acadêmica, não abrem mão de produzir conhecimento de excelência. Além disso, minhas escolhas profissionais certamente se deram pela admiração ao trabalho de mulheres negras que seguem me inspirando com suas pesquisas e práticas relevantes.

---

<sup>2</sup> Angela Davis ao vivo - “Atravessando o tempo e construindo o futuro da luta contra o racismo” Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=2vYZ4IJtgD0> acesso em : 25 de mai. 2020

Esses projetos que aqui serão apresentados são também inspiradores para pensar um novo fazer pedagógico antirracista.

O Colégio Pedro II é uma instituição pública reconhecida por sua excelência e que rompe muitas vezes com a ideia de uma educação pública sem estrutura ou com pouca qualidade. A instituição é uma das poucas da esfera federal que congrega todas as etapas da educação básica, graduação e pós-graduação. Embora conhecida pelo seu tradicionalismo, é, por vezes, atacada por suas práticas educacionais mais progressistas e libertárias que ultrapassam o ensino tradicional das letras e dos números e vão além, a fim de ensinar a pensar, se posicionar diante de uma sociedade que tem se apresentado cada dia mais conservadora, racista, homofóbica, machista, transfóbica e que silencia os corpos que não correspondem ao padrão

Estar no CPEI é um privilégio tanto para os discentes como para os docentes que, por vezes, encontram na instituição sua realização profissional, tendo em vista uma boa remuneração e possibilidades diversas de um plano de carreira bem-sucedido. Mas, para acessar esse local prestigiado, é preciso estar preparado e estar preparado exige um bom nível de acesso à educação. Sabemos que, infelizmente, quanto maior o nível de escolarização exigido, menor é a probabilidade de encontrarmos mulheres negras.

Pesquisas apontam que, no Brasil, apenas 0,04% das professoras doutoras dos pós-graduação são mulheres negras<sup>3</sup>, em contrapartida, mais de 80% das trabalhadoras domésticas se autodeclaram negras. Embora este trabalho se volte para etapa do ensino fundamental II e do ensino médio, esses números se mostram extremamente sintomáticos e refletem na ausência de representação de mulheres negras no lugar de produtoras de conhecimento, como questiona a Professora Doutora Giovana Xavier:

Quem tem o direito de ser reconhecido como intelectual no Brasil? Como as intersecções de gênero, raça e classe colocam-se no espaço acadêmico e na produção científica? Para mulheres negras, ocupar o espaço acadêmico é um processo complexo de desestabilização do imaginário “nascidas para servir”. (XAVIER, 2019, p. 89).

Vale ressaltar a importância das ações afirmativas no âmbito dos concursos públicos, o que certamente tem reconfigurado o acesso de professoras e professores

---

<sup>3</sup> Disponível em: <[www.geledes.org.br/menos-de-3-entre-docentes-da-pos-graduacao-doutoras-negras-desafiam-racismo-na-academia/](http://www.geledes.org.br/menos-de-3-entre-docentes-da-pos-graduacao-doutoras-negras-desafiam-racismo-na-academia/)>. Acesso em: 25 de mai. de 2020.

negros ao Colégio Pedro II e enegrecido cada vez mais o quadro docente da instituição, o que não significa uma automática mudança das práticas pedagógicas, pois isso só acontecerá quando professoras e professores tomarem consciência de que, por mais plural que seja o ambiente escolar, ele segue sendo um espaço de exclusão e opressão para corpos fora do padrão eurocêntrico e heteronormativo.

A realidade é que, para a construção de um cenário com novas práticas educacionais que visem uma educação antirracista, é necessário compromisso e desejo constantes de promover equidade.

### **3.1 O que eu gostaria que a minha professora soubesse?**

Como já citado algumas vezes neste trabalho, sou uma ex-aluna da educação básica do Colégio Pedro II, o que me enche de orgulho e felicidade. Passei por momentos incríveis dentro dessa instituição, cultivo amigas e amigos para vida toda e, por vezes, parece inacreditável como nos reconhecemos de longe, o quanto isso se torna um atrativo e possibilidade de uma longa conversa de bar sobre os espaços, pessoas marcantes, bons professores e diversas histórias.

Mas nem só de alegria se constituem minhas lembranças. Também foram muitos os momentos de dor, de não pertencimento e de conflitos internos e externos, que na época eu não entendia, mas que atravessavam profundamente as questões raciais. Hoje, com muito mais conhecimento, entendo que muitas marcas que já passaram por um olhar terapêutico foram criadas pela hostilidade do ambiente escolar a corpos negros como o meu. Entendo que não fui a primeira e nem serei a última, mas desejo profundamente, ao longo da minha caminhada como educadora, amenizar o caminho para muitas e muitos como eu.

Inspirada em dos capítulos do livro *Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula*, de Luana Tolentino (2019), trago uma carta aberta escrita por mim sobre o que eu gostaria que minhas professoras brancas soubessem.

Carta aberta à minha professora branca.

*A primeira coisa que eu gostaria que você soubesse é que eu consegui, consegui fazer tudo que você disse e pensou que eu não conseguiria! Terminei o ensino médio, passei para uma universidade pública, me formei e me tornei uma colega de profissão. Ao contrário do que você me disse algumas vezes, eu percebi que eu gosto sim de estudar. Passei para uma pós e logo em seguida para o mestrado em instituições públicas super reconhecidas. Cara professora branca, eu consegui!*

*Gostaria muito que você não tivesse me estigmatizado como a garota problema, problema pra se comportar, problema para ler, problema para escrever e se relacionar. Eu tenho certeza que eu não era só isso, nunca fui.*

*Queria que você tivesse entendido que ninguém é igual, cada um tem seu ritmo, é tá tudo bem nisso. Mas eu precisava mesmo que você tivesse intervindo nas situações de racismo que se passavam na sua frente, inclusive nas vezes que falavam que para eu sentar atrás por conta do meu cabelo de “abajur” e você não os repreendia e, por vezes, até acatou o pedido e me colocou na última fileira. Eu não entendia, mas doía e às vezes que eu tentei reagir, tenha certeza, não era indisciplina.*

*Apesar de você, valeu a pena e segue valendo. Vale a pena acreditar que dá para mudar e que ninguém se resume às suas dificuldades e que há um lugar maior e melhor que é o das potencialidades.*

*Por fim, queria que você soubesse que eu li Paulo Freire e que concordo com ele: a educação não muda o mundo e sim as pessoas e por mais improvável que seja, eu fui transformada por ela e sigo acreditando na possibilidade de ser agente de transformação na vida de tantos outros através do que me constitui: Uma mulher negra que escolheu a educação como seu lugar no mundo.*

Figura 1 - Carteirinha de estudante



Fonte: acervo pessoal, 2019

### 3.2 Ao Pedro II tudo ou nada: Relembrando Experiências

Resgatar a memória dos anos que estive no CP2 me traz boas risadas. Lembro das amigas e amigos que fiz por lá e caminham comigo até hoje, também não me esqueço dos professores, tanto os bons, com quem mantenho contato até hoje, como os ruins, que me faziam saber, com certeza, com quem eu não gostaria de parecer jamais.

Foram 14 anos na educação básica, 2 repetências amargas e muito sufoco para não ser engolida pela maré e pela tão temida jubilação. Fui representante de turma duas vezes, participei de uma das chapas para grêmio, entre tantas outras experiências que formaram a minha subjetividade ao longo da minha infância e juventude.

Até onde minha memória alcança, tive 11 professores negros, 7 mulheres e 4 homens divididos entre as disciplinas de história, português, espanhol, desenho geométrico, educação musical e ciências. Um número muito pequeno levando em consideração todo o tempo que passei na instituição, um cenário que nitidamente tem se modificado pelo acesso de novos professores através das políticas de cotas.

#### O começo de tudo...

Figura 2 – Classe de Alfabetização



Fonte: acervo pessoal, 2000

O ano era 2000, eu, com os meus recém-completos 6 anos, começava uma nova e grande aventura. Meu primeiro ano em uma escola tão grande quanto o Pedro II. Antes disso já havia estudado em outras duas escolas particulares muito menores, com menos alunos, menos professores e com um peso social muito menor.

Há 21 anos, quando ingressei no CP2, havia um tipo de reservas de vagas para filhos de funcionários e foi assim que meu pai, funcionário da escola, conseguiu que seus 4 filhos construíssem suas histórias por lá. Na imagem, eu cursava a antiga classe de alfabetização.

Lembro-me de bastante coisa dessa época, das amizades, da professora (com quem tenho contato até hoje) e de ter sido uma época tranquila para mim. Mas, no ano seguinte, tudo mudaria.

Figura 3 – 1ª serie



Fonte: acervo pessoal, 2001

Do ano seguinte, 2001, lembro de pouca de coisa, talvez por um mecanismo de defesa. Foi um ano complexo, quando vivi minha primeira reprovação, aos 7 anos de idade, um ano marcado pela busca de um diagnóstico que não existia, mas que a escola insistia que estava ali. TDAH? Dislexia? Vamos medicar? Por que não aprende? Não tem condições de acompanhar a turma! O laudo não veio, mas o racismo estava ali se apresentando na vida daquela menina de 7 anos, que, não por coincidência, era eu.

Figura 4 – 3ª série



Fonte: acervo pessoal, 2004

Passando 2001, as coisas foram se tornando um pouco melhores, a relação família e escola mais transparente e menos violenta, com mais diálogo, mais ajuda e respeito ao meu tempo de aprendizado. Isso fez toda diferença para meu sucesso escolar nos anos seguintes, mas, apesar disso, eu sabia e sentia que ele ainda estava lá e que talvez me acompanhasse por todos os próximos anos. O racismo não tira férias.

Apesar dos anos seguintes não terem sido um mar de rosas, com o tempo, fui ganhando mais mecanismos de defesa e entendendo como tudo funcionava. Isso não se deu de maneira fácil, foi um processo longo de trocas e amadurecimento ao longo de toda vida escolar.

### **Deu tudo certo...**

A chegada ao tão esperado Pedrão<sup>4</sup> trouxe novas responsabilidades e também possibilidades. Foi no Pedrão que tive minha primeira professora negra. Em contrapartida, foi a primeira vez que sofri racismo explícito e direto de uma professora e que, ao ser confrontada por mim, ficou muito nervosa e me deu uma advertência alegando que eu a tinha desrespeitado.

---

<sup>4</sup> Pedrão é o espaço físico que comporta o segundo segmento do Ensino Fundamental e o Ensino Médio de cada *campus* do Colégio Pedro II.

As lembranças que me vêm à mente, sempre que me perguntam sobre os meus anos como aluna na escola, se dividem entre boas e más. Porém, as más estão, na maioria das vezes, ligadas às questões raciais, o que me leva a questionar a diferença do estar no mundo das crianças pretas e das brancas, e sobre a maneira como isso reverbera para o resto da vida na forma como pessoas negras enxergam a escola. Sobre isso nos fala a Professora Doutora Petronilha Silva:

Está no dilema que as pessoas negras, de modo contundente as crianças, têm de fazer face: ou deixar-se assimilar a ideias, crenças, comportamentos, admitindo “branquear” no pensamento, nos raciocínios, nos comportamentos, na adoção de projeto de sociedade que exclui os negros, ou enfrentar desqualificação ao mostrar, em gestos, palavras, iniciativas, sua negritude. Pergunta-se, então: como crianças negras podem construir com fundamento o que a escola tem a lhes ensinar, sem, entretanto, negar seu pertencimento étnico-racial? (SILVA, 2005, p.162).

Trazer a questão do branqueamento no ambiente escolar é muito importante, pois, além da constante tentativa que crianças e jovens pretos e pretas têm de se enquadrarem em um padrão eurocêntrico, através do alisamento de seus cabelos e até tentativas reais de clarear sua pele para serem mais aceitos e se sentirem teoricamente mais bonitos, é de alguma forma uma resposta à própria ideologia do branqueamento. Essa ideologia está diretamente ligada ao que é ensinado, valorizado e autorizado nos conteúdos escolares, uma vez que essa escolha não é imparcial e diz muito sobre o racismo estrutural no qual nosso sistema escolar está inserido.

Apesar disso, o Pedro II vem assumindo um compromisso de mudança ao longo dos anos e veremos isso mais a fundo no próximo capítulo, mas trago aqui uma das experiências mais incríveis que tive no colégio. A convite do Professor Jorge Marques, em um evento pela comemoração do dia da Mulher Negra, Latino-Americana e Caribenha e idealizado pelo Fórum Permanente de Discussões Étnico-Raciais, retornei pela porta principal para dividir minhas experiências como ex-aluna, mulher negra, na inserção no mercado de trabalho e na vida universitária.

O convite foi algo que me deixou muito feliz e, ao mesmo tempo, reflexiva em pensar que, apesar das marcas negativas que o ambiente escolar causou em mim, há também espaço para compartilhar boas experiências. Quando eu ainda era aluna, há cerca de 8 anos, não tive oportunidade de ouvir a experiências de outras mulheres negras, isso talvez fizesse diferença.

Figura 5 – 1º circuito em comemoração ao dia internacional da mulher negra, latino-americana e caribenha



Fonte: redes sociais do Colégio Pedro II, 2019

O sentimento de voltar depois de algum tempo e revistar os lugares, as lembranças, os professores foi algo muito legal e significativo. Alguns professores lembraram de mim pela rebeldia e indisciplina, outros pela participação ativa nas aulas e

nos debates. O que mais me marcou foi, independente do motivo, que eles lembravam de mim.

Uma das perguntas que me fizeram foi se eu não achava contraditório afirmar que o CPMI tinha sido uma das melhores coisas da minha vida e ao mesmo tempo o lugar que tinha me causado muito sofrimento através do racismo. Sim, é contraditório, mas a vida é feita de muitas contradições e foi a partir dessas contradições que fui entendendo meu lugar no mundo e os motivos de lutar por ele. Ao Pedro II tudo ou nada? Para mim sempre tudo, por ter me oferecido uma educação pública de qualidade, por ter me apresentado amigos para vida e por ter me ensinado a questionar o mundo, mesmo que isso me levasse a questionar suas próprias práticas.

#### **4. EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA COMO PRÁTICA DE LIBERDADE**

Durante o processo de escrita deste trabalho, muitas foram as reflexões, motivações e inquietações que me fizeram chegar até aqui. Algumas foram aparecendo durante o caminho, em meio a leituras e inspirações, outras, já estavam comigo antes mesmo de começar a escrever as primeiras palavras desta pesquisa. Entender que é

preciso rever posturas e pensar no desenvolvimento de novos processos de ensino e aprendizagem foi uma dessas inquietações que apareceram antes mesmo de começar a estruturar o meu trabalho e uma das motivações para estudar quem já está com a mão na massa há um tempo.

Como professora da educação infantil, penso também na importância de um novo fazer pedagógico o mais cedo possível, a fim de fazer da escola um lugar onde se construa verdadeiramente um pensamento emancipatório. A instituição escolar, no Brasil, é reconhecida como parte integrante do processo de emancipação social, como afirma Nilma Lino Gomes (2017), porém, de forma contraditória, também é marcada socialmente como um espaço de repressão, disciplina e pela desvalorização de alguns saberes em detrimento de outros, valorizando o pensamento europeu, masculino e heteronormativo.

Uma educação verdadeiramente antirracista exige o claro reconhecimento de seus objetivos, de seu processo histórico, social e de uma reflexão profunda sobre o campo educacional como um todo. Por isso a importância da formação de professores comprometidos em mudar esse cenário a partir de toda a educação básica.

#### **4.1 Neabi CP2 e sua importância para o avanço e permanência de práticas antirracistas**

Os núcleos de estudos afro-brasileiros e indígenas, conhecidos como Neabis, são um importante braço no combate ao racismo dentro das instituições de ensino e do universo acadêmico. Com um maior volume de pessoas negras dentro das universidades a partir do avanço das políticas de ações afirmativas, ficou cada vez mais latente a necessidade de um espaço de construção coletiva, produção de conhecimento, reconhecimento dos problemas e até mesmo de acolhimento dos estudantes e professores negros.

Em 2013, dez anos depois da promulgação da Lei 10639/03 foi criado o NeabiCP2, até então sem a inclusão da letra i que faz referência às questões indígenas e que foi incluído no ano de 2019 após a consulta e aprovação do corpo participante do núcleo. Segundo o regimento interno as atribuições do NeabiCP2 são:

#### **CAPÍTULO I DA DENOMINAÇÃO E FINALIDADE DO NÚCLEO**

Art. 2o O NEAB/CPII tem como finalidade promover a produção e a disseminação do conhecimento por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, no desenvolvimento de políticas de diversidade étnico-racial, estimulando a igualdade e valorização das populações de origem africana e indígena.

Art. 3o O NEAB é, administrativamente, ligado à Pró-Reitoria de Pós-graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II.

Art. 4o O NEAB/CPII, criado a partir da Portaria nº 1934, de 8/11/2013, funcionará de acordo com o presente Regimento Interno.

## **CAPÍTULO II DOS OBJETIVOS**

Art. 5º Compete ao NEAB/CPII:

I. Pesquisar, produzir análises e propor ações afirmativas referentes ao cumprimento da legislação educacional em vigor, em especial, no tocante às Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas, ao Plano Nacional de Implementação para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, e às Convenções Internacionais de Combate ao Racismo, Preconceito e outras formas de discriminação;

II. Traçar um plano de ação anual para fomentar a produção de material pedagógico e o debate sobre a história e cultura afro-brasileira, africana e indígena no Colégio Pedro II;

V. Produzir, organizar, catalogar, coletar e disponibilizar materiais que auxiliem a comunidade escolar no desenvolvimento de atividades vinculadas às temáticas desenvolvidas pelo Núcleo; V. Produzir e divulgar publicações acadêmicas, exposições e suportes audiovisuais, que resultem de pesquisas e investigações em educação das relações étnico-raciais;

VI. Promover a realização de reuniões científicas, seminários, conferências, painéis, simpósios, encontros, palestras, oficinas, atividades artístico-culturais, cursos de extensão e de pós-graduação, além de exposições direcionadas à área de atuação do NEAB/CPII;

VII. Promover e incentivar, no âmbito da comunidade escolar do CPII, a formação continuada sobre os conteúdos da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, na educação para as relações étnico-raciais e ações afirmativas;

VIII. Organizar, em parceria com as Pró-Reitorias, atividades de extensão, cursos de especialização e linhas de pesquisa no mestrado que tenham como foco a temática étnico-racial, a História e a Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena;

IX. Proporcionar ações que contribuam para a reflexão e o debate sobre a diversidade étnica e cultural, visando à promoção de igualdade através do combate ao preconceito e à discriminação;

X. Divulgar, por meio de publicações, eventos e internet, os conhecimentos e os dados gerados ou disponíveis em decorrência das atividades desenvolvidas;

XI. Participar, efetivamente, dos debates e da elaboração de proposições para a integração da temática das relações étnico-raciais no PPI (Projeto Pedagógico Institucional), no Regimento do Colégio Pedro II e demais documentos institucionais;

XII. Produzir e elaborar pesquisas acerca das relações étnico-raciais no Colégio Pedro II, a partir de dados institucionais.

(COLÉGIO PEDRO II, 2014)

Além de suas atribuições, um Neabi na educação básica é repleto de desafios que precisam ser encarados. Muitos dos professores que estão em sala de aula não tiveram uma formação que incluísse as questões raciais como pauta essencial. Virar essa chave para o interesse de toda a comunidade para o cumprimento efetivo da lei ainda não é uma questão fácil, mas é um trabalho contínuo para uma reeducação das relações raciais.

O Neabi CP2 tem dado frutos e conquistado muitas coisas, dentre elas é preciso destacar os dois cursos na modalidade de pós-graduação/especialização que visam formar professores da educação básica. Os cursos de História da África e o EREREBÁ<sup>5</sup> são importantes instrumentos para formação de uma nova geração de professores que entenda que não é possível se distanciar da educação das relações raciais caso queiram fazer um trabalho sério e comprometido com a transformação social. Eu, como ex-aluna do Pedro II, enxergo esse curso como uma reparação histórica para mim, com a presença de tantos professores negros e comprometidos com uma produção de conhecimento que inclui a temática racial e não de forma secundária.

#### **4.2 Uma Pandemia e agora?**

Em março de 2020, fomos pegos de surpresa com uma crise sanitária mundial, uma pandemia. Um vírus até então desconhecido e invisível nos colocava em alerta, era preciso parar e assim foi. Em 12 de março de 2020, medidas para tentar frear a circulação do novo coronavírus foram tomadas e as escolas foram uma das primeiras atividades a parar, uma medida necessária que certamente salvou muitas vidas. Hoje, 27/03/2021, dia em que escrevo esta parte do meu trabalho, contabilizamos uma triste marca de mais de 300 mil mortes e caminhando para um número muito maior, pois também temos batido tristes recordes diários com mais de 3 mil mortes em uma lacuna de 24h.

Ao longo desses 12 meses de pandemia, este trabalho sofreu mudanças significativas e faço dele uma singela homenagem a quem teve sua vida afetada por esse vírus outrora desconhecido, a todes que perderam alguém e até mesmo aqueles que não estão mais neste plano, os meus mais sinceros sentimentos. É também preciso lembrar da

---

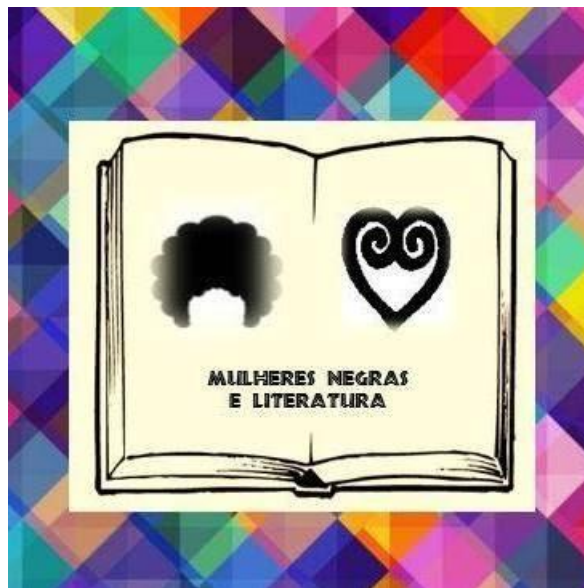
<sup>5</sup>Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico. Criado e oferecido pelos docentes de diversos campus do Colégio Pedro II.

parcela significativa de culpa do (des)governo genocida à qual estamos submetidos. Este trabalho também se faz em forma de protesto e resistência, embora haja uma política de morte, resistiremos.

Pela necessidade do distanciamento social e, por consequência, escolas fechadas, foi preciso mudar um pouco a rota deste trabalho e de sua análise mais prática. A princípio, iria a campo observar a dinâmica dos projetos que aqui serão expostos, entender como se organizam, como funcionam na prática e de que maneira afetam a vida cotidiana escolar de alunos e docentes. Com o cenário atual, a metodologia tomou outros rumos e, desse modo, me apoiarei na análise de documentos, relatos escritos, sites e blogs que trazem as contribuições de como essas práticas eram realizadas fora do contexto pandêmico.

### 4.3 Mulheres Negras e Literatura: um encontro precioso

Figura 6 - Oficina de mulheres negras e literatura



Fonte: redes sociais da Oficina Mulheres negras e literatura, 2020

As políticas de ações afirmativas têm se mostrado cada vez mais relevantes e necessárias. Com a reserva de vagas de pelo menos 20% para negros, pardos e indígenas, a chegada de professores comprometidos com a diversidade e com a responsabilidade

para a tentativa de construção de um currículo afrocentrado e múltiplo tem sido cada vez maior. Desse modo, podemos dizer que o projeto Mulheres Negras e Literatura é fruto direto dessa política, como reforça uma de suas idealizadoras Sílvia Barros (2018).

Ingressei no Colégio Pedro II há pouco mais de um ano, via concurso público, por cotas raciais. Fiquei em nona colocação, seria convocada para assumir o cargo independentemente da medida afirmativa, porém, com muito orgulho, repito que ingressei no serviço público federal como cotista, como professora negra, autodeclarada negra em posse de seu direito [...] Contudo, algo novo havia surgido: eu estava em processo de tornar-me negra, cada dia mais negra... e o ingresso no colégio por cotas teve papel importantíssimo nesse percurso. (BARROS, 2018, p. 1-2).

É interessante resgatar o que Sílvia traz sobre seu processo de tornar-se negra e de que maneira o ingresso ao Colégio pelo sistema de cotas foi importante para isso. A escola é um ambiente hostil para pessoas negras e isso já foi dito neste trabalho, mas, por vezes, nos prendemos apenas pelas dificuldades atravessadas pelos alunos, quando, na verdade, todo corpo preto, independente da posição que ocupe, sofre com a hostilidade do racismo na sociedade e, conseqüentemente, no ambiente escolar. Isso interfere diretamente na construção de nossas identidades, subjetividades e no processo de cada um referente a sua negritude.

De acordo com Stuart Hall (2006), a concepção de identidade do sujeito pós-moderno não é vista como algo unificado, estável, mas formada ao longo da vida. Entendida como um processo no qual dialogamos com diferentes identidades, em diferentes momentos, pois, ao longo da nossa vida, entramos em contato com múltiplas e distintas representações. A identidade é vista, então, mais como uma construção social e histórica do que biológica. A construção da identidade étnico-racial, dessa forma, também se dá nas interações com o outro. Nilma Lino Gomes (2008) afirma que entende a identidade negra como um movimento que não se dá apenas a começar do olhar de dentro, do próprio negro sobre si mesmo e seu corpo, mas também na relação com o olhar do outro, do que está fora. Esta relação ela descreve como tensa, conflituosa e complexa.

Descobrir-se negro em um país extremamente racista, na maioria das vezes, é doloroso e confuso, pois, por mais retinto que seja o tom da sua pele, por mais politizado, bem resolvido e ciente de todos os problemas que envolvem as questões raciais no Brasil, em algum momento da sua vida você quis se distanciar de você mesmo por ser negro.

Embora tentem nos culpar por esse distanciamento que a maioria das pessoas negras já adotou ao longo da vida, é preciso ter em mente que o nosso cruel processo de colonização, que teve entre muitos pilares a desumanização dos pretos arrancados de África e dos indígenas que aqui já estavam, nos trouxe muitos desdobramentos. Esses corpos subalternizados eram tidos como objetos e não são poucos os relatos e estudos que comprovam os muitos estupros que aconteceram. Com isso, o Brasil acabou por desencadear a longo prazo um movimento a favor de um discurso de mestiçagem, o que, de forma violenta, tenta ao máximo nos distanciar de tudo que vem da cultura indígena, africana e afro-brasileira.

O projeto Mulheres Negras e Literatura entra exatamente nesta lacuna de apagamento e distanciamento do que mulheres negras produzem para um resgate histórico, social e cultural de extrema necessidade não só para o cumprimento da lei nº 10.639/03, mas também para possibilidade de um outro caminho onde se valorize a literatura, música e todo e qualquer tipo de conhecimento produzido por essas mulheres que são invisibilizadas ao longo do processo educacional.

#### 4.3.1 Da teoria à prática: como funcionam as atividades da oficina

Figura 7 - Oficina Mulheres negras e literatura



**OFICINA  
MULHERES  
NEGRAS E  
LITERATURA**

Todas as sextas-feiras

Turno da manhã: 10:30 - 12h  
Turno da tarde: 13h - 14:30  
Coordenação: Prof<sup>a</sup> Sílvia Barros  
Acesse: [facebook.com/autorianegra](https://www.facebook.com/autorianegra)

Fonte: redes sociais da Oficina Mulheres negras e literatura, 2019

A oficina Mulheres Negras e Literatura teve seu início no ano de 2015, mas foi em 2016 que ganhou mais corpo e organização. Idealizada por três mulheres negras: Caroline da Matta, Ingrid Mattos e Silvia Barros, não por coincidência, todas professoras de português e literatura, teve também um grande incentivo por parte das alunas como traz Sílvia em um relato de experiências sobre a oficina em 2018.

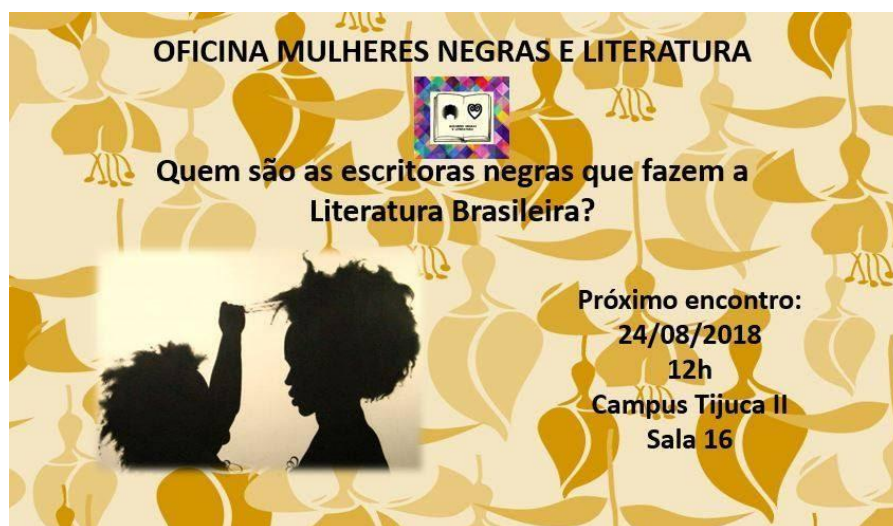
Além do meu próprio desejo de trabalhar com essa literatura, a oficina teve como principal motivação as próprias alunas do colégio que, antes mesmo de me conhecerem, me abordaram no pátio e me convidaram para o piquenique feminista que ocorreria no feriado de 28 de outubro (2015). Segundo elas, o convite era motivado pela certeza, ao me verem de turbante, penteado e outros ornamentos ligados à cultura africana e ao empoderamento da mulher negra, de que eu tinha interesse em debater questões relacionadas às opressões que as mulheres sofrem. (BARROS, 2018, p. 126).

O interesse das alunas com a temática feminista e a disposição em debatê-la entre si e também com suas professoras reforça o que bell hooks (2018) traz como prática de liberdade em conformidade com Paulo Freire: professoras e professores que compartilham não só os seus conhecimentos, mas também suas experiências, instigam os alunos a isso e nessa troca existe uma potência incrível e esse diálogo entre professoras, alunos e alunas negras faz desse projeto muito especial, tornando a sala de aula, que por vezes nos violentou, um lugar bom e prazeroso de se estar.

Quando os professores levam narrativas de sua própria experiência para discussão em sala de aula, elimina-se a possibilidade de atuarem como inquisidores oniscientes e silenciosos. É produtivo, muitas vezes, que os professores sejam os primeiros a correr risco, ligando as narrativas confessionais às discussões acadêmicas [...] os professores progressistas que trabalham para transformar o currículo de tal modo que ele não reforce os sistemas de dominação nem reflita mais nenhuma parcialidade são em geral, os indivíduos mais dispostos a correr riscos acarretados pela pedagogia engajada e a fazer de sua prática de ensino um foco de resistência. (hooks, 2018, p. 35-36).

As imagens a seguir mostram como esse diálogo tem sido feito na prática. Os convites para os encontros da oficina demonstram todo esse cuidado e esse foco para uma prática de resistência e de acolhimento.

Figura 8 - Oficina Mulheres negras e literatura



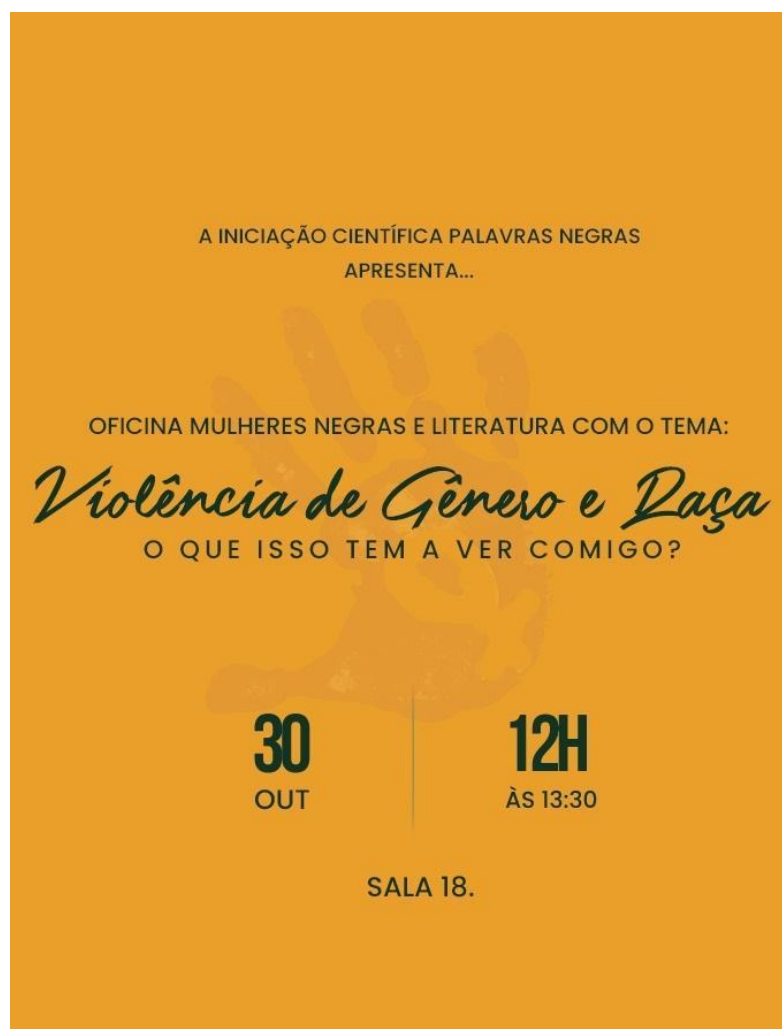
Fonte: redes sociais da Oficina Mulheres negras e literatura, 2018

Figura 9 - Oficina Mulheres negras e literatura



Fonte: redes sociais da Oficina Mulheres negras e literatura, 2019

Figura 10 - Oficina Mulheres negras e literatura



Fonte: redes sociais da Oficina Mulheres negras e literatura, 2019

#### 4.3.2 Outras ações... Para além do muro da escola

A oficina Mulheres Negras não se conteve aos muros do *campus* Tijuca II e também promoveu um encontro no *campus* Niterói, reforçando sua importância e necessidade de expansão para que toda comunidade escolar pense que são essas mulheres que fizeram história, escrevem literatura e produzem conhecimento.

Figura 11 - Oficina Mulheres negras e literatura



Fonte: redes sociais da Oficina Mulheres negras e literatura, 2019

Para além disso, a oficina inspirou um grupo de pesquisa de iniciação científica júnior, intitulado Palavras Negras, que se dispõem a estudar a produção de mulheres negras na literatura, fortalecendo ainda mais a ideia de valorizar a produção de conhecimento delas, como relatou a professora Sílvia Barros, uma das idealizadoras do projeto, em uma postagem no facebook da oficina.

Primeira reunião do grupo de Iniciação Científica Júnior, Palavras Negras. Um grupo que se dedica a pensar a obra de escritoras negras brasileiras e a dar seu devido destaque na escola e na sociedade. A oficina Mulheres Negras e Literatura começou como uma resposta à acolhida que recebi das alunas Maria Clara e Ana Luísa quando cheguei ao colégio em 2015. Foi sendo cultivada com amor e carinho por Mariana, Maria Clara, Jéssica, Thais, Layla, Felipe, outras e outros... Integrou-se a dois núcleos de enorme importância no colégio: o Núcleo de estudos afro-brasileiros e indígenas (NEABICP2) e o Núcleo de Pesquisa e Arte da Tijuca (NUPART). Ficou muito maior e mais potente com a chegada das minhas colegas e amigas Carol e Ingrid. Virou curso de extensão... Disciplina na pós-graduação. Percorreu, por meio de nossas vozes, vários *campi* do Colégio e espaços fora dele. Agora ocupamos também o espaço de produtoras de conhecimento na pesquisa científica. Cresceremos mais e mais com Joana, Luiza, Gabrielle, Ana Beatriz, Yasmin, Letícia, Helena e quem mais chegar para somar, criar e sonhar. Obrigada, vocês são incríveis  
Sílvia (2019)

É extremamente importante que um projeto como esse ganhe seu devido valor e notoriedade dentro da pesquisa acadêmica e científica, possibilitando o acesso a

informações e novas produções a estes alunos que se interessam pelo assunto, ampliando seus repertórios e horizontes acadêmico e profissional.

Você consegue dizer quem são todas essas mulheres nas imagens fotos a seguir?

Figura 12 - Oficina Mulheres negras e literatura



Fonte: redes sociais da Oficina Mulheres negras e literatura, 2019

É comum que a maioria das pessoas não saiba e eu me incluo aqui. Me deparei com essas fotos no primeiro dia de aula do EREREBÁ e carreguei algumas inquietações comigo. Eu levei cerca de 25 anos para conseguir reconhecer a maioria dessas escritoras negras, mas será que é preciso todo esse tempo depois de anos de escolarização básica e mais alguns anos de graduação? Certamente não. E o projeto Mulheres Negras e Literatura responde isso de forma brilhante, comprovando a importância de trazer essas mulheres para o centro, possibilitando aos alunos e a toda comunidade escolar o direito de acessar outras possibilidades que por muitos anos nos foram negadas nos reaproximando de nossa história e ancestralidade. De forma contundente e certa, digo que esse projeto construído por mulheres incríveis, me fez ter vontade de ser aluna novamente e ter acesso de maneira precoce a esse conhecimento.

Figura 13 - Oficina Mulheres negras e literatura



Fonte: redes sociais da Oficina Mulheres negras e literatura, 2019

#### 4.4 Fórum das Minas

Figura 14 - Fórum das Minas



Fonte: redes sociais da Oficina Mulheres negras e literatura, 2018

O Fórum das Minas é um projeto idealizado por professoras da equipe de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II, *campus* Engenho Novo II, e tem por iniciativa primária a discussão de textos escritos apenas por mulheres e, além disso, também se propõe a discutir as questões relacionadas ao feminismo e seus impactos na sociedade. Mas será mesmo que feminismo é algo que deve ser aprendido na escola? Analisando a maneira

com que esse projeto se desenvolve, não resta a mínima dúvida de que sim. É interessante ver que o projeto é construído com a intensa participação de professoras e alunas que, a partir das leituras, pautam importantes discussões para compartilharem com o resto da comunidade escolar.

Vale ressaltar que a parte da equipe que integra e coordena este projeto é formado exclusivamente por mulheres brancas que precisam de igual modo se responsabilizar pela luta por igualdade racial, estudando e renovando suas práticas docentes a partir de um viés antirracista.

A primeira edição do fórum das minas aconteceu em abril de 2018 e foi um evento que contou com a participação de várias mulheres de dentro e fora da escola para a discussão de assuntos de extrema relevância na sociedade. O evento foi um sucesso e ganhou notoriedade dentro e fora das paredes da escola, o que levou as professoras a perceberem que existia uma demanda por esse assunto dentro da comunidade escolar. Como traz a Professora Yandara Moreira, em uma entrevista à revista Marie Claire em maio de 2019.

Ali, a gente percebeu que existia demanda pelo assunto, isso ficou ainda mais forte. E foi muito bonito ver alunas também liderando mesas de debate, rodas de conversa. A gente chegava a se emocionar. Teve uma específica que foi bem forte. (MOREIRA, 2019)

Figura 15- Revista Marie Clarie



Fonte: redes sociais da Oficina Mulheres negras e literatura, 2019

Com as respostas e demandas positivas geradas pelo 1º encontro do Fórum das Minas, era preciso ir além e também dar conta de outros debates mais alargados e profundos sobre a discussão do feminismo. Pensar um feminismo plural que seja inclusivo a todas é urgente, com isso não se pode ficar preso apenas à discussão de gênero, pois ela também carrega tantas outras coisas consigo, principalmente a questão da raça. É necessário empretecer o debate.

Figura 16 - Fórum das Minas



Fonte: redes sociais da Oficina Mulheres negras e literatura, 2019

Pensar sob a perspectiva da interseccionalidade é um desafio para a sociedade. Esse olhar tem possibilitado outros espaços de reflexão e debate que, conseqüentemente, fomentam novas questões, outros cenários para estudos antes não investigados.

Interseccionalidade é um conceito pensado a partir das experiências e necessidades das mulheres negras e mulheres não brancas, em identificar os elementos e mecanismos que incidem sobre seus corpos, perpetuando as situações de exclusão e desigualdades que vivenciam na sociedade. A partir deste conceito, é possível

compreender, qualificar e explicar como estes grupos são impactados por múltiplas formas de discriminação que ocorrem no processo de hierarquização baseada em critérios raciais, de gênero, de classe e geração.

A intelectual negra Kimberlé Crenshaw (2002) revela que a interseccionalidade, conceito cheio de complexidades, nos possibilita entender o cruzamento de múltiplas formas de discriminação, compostas por cargas múltiplas, como duplas ou triplas discriminações (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Entendendo todas essas particularidades e entrecruzamentos do conceito de interseccionalidade, o projeto promoveu, em agosto de 2019, o segundo Fórum das Minas, com a proposta de empretecer o debate e trazer ao centro os múltiplos conhecimentos produzidos por várias mulheres negras de diferentes áreas. Para a realização do evento, foram convidadas para integrar a comissão de organização professoras negras do próprio Pedro II, do campus Engenho Novo e de outros *campi*, e professoras de outras instituições federais. O evento foi bem-sucedido e fomentou debates de extrema importância para nossa sociedade.

Assim como Mulheres Negras e Literatura, o Fórum das Minas também se tornou um projeto de iniciação científica Júnior, ampliando ainda mais a visibilidade do conhecimento produzido por alunas e professoras em conjunto e possibilitando que ele tenha mais visibilidade dentro e fora das paredes da escola.

#### **4.4.1 Ações antirracistas e multidisciplinares**

O Ledi, Laboratório de Estudos em Educação e Diversidade, se propõe a pensar diversas ações relativas a discussão de trazer uma educação antirracista para o cotidiano escolar de maneira interdisciplinar. Em 2019, o Ledi promoveu algumas ações em conjunto com Fórum das Minas, com o projeto Mulheres Negras e Literatura e outros coletivos dentro da instituição.

Um dos eventos promovidos foi o circuito em comemoração ao dia da Mulher Negra, Latino-Americana e Caribenha, que trouxe muitas discussões importantes movimentando toda comunidade escolar. Além desse circuito, destacou-se também a conversa com a Jornalista Flávia Oliveira, uma mulher negra que tem sido um importante nome na discussão do racismo na mídia. Esse evento aconteceu no *campus* Engenho Novo II.

Figura 17- 1º CIRCUITO EM COMEMORAÇÃO AO DIA INTERNACIONAL DA MULHER NEGRA LATINO-AMERICANA E CARIBENHA

O COLÉGIO PEDRO II, O LEDI, O COLETIVO AGBARA, O NEABICP2, O NUPART, O GRUPO ELOS, O FÓRUM DAS MINAS, O NUGAME, O CINEMA NOSSO, O GRUPO DE ESTUDOS DA DIVERSIDADE DE GÊNERO DE SCIII E O FÓRUM DE RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS DO CAMPUS ENGENHO NOVO II CONVIDAM PARA O

## 1º CIRCUITO EM COMEMORAÇÃO AO DIA INTERNACIONAL DA MULHER NEGRA LATINO-AMERICANA E CARIBENHA

**Programação:**

JULHO		AGOSTO	
01	Exposição: "Quem são as autoras negras que fazem a literatura brasileira". Local: Campus Tijuca, sala 18, mediante marcação (até o dia 12/7).	09	"Mulheres negras e saúde mental" - palestra com a psicóloga negra Luciene da Silva Lacerda. Local: Sala de História do campus São Cristóvão II, 10:40..
02	Abertura do ciclo de eventos . Exposição de fotografias do Coletivo Agbara Local: Sala de História do campus São Cristóvão II, 10:40.	10	"Quem são as mulheres negras da literatura brasileira?" Local: Campus São Cristóvão II, pátio preto, em frente à biblioteca, das 12h às 13h.
03	Vivência da oficina "Mulheres Negras e Literatura". Local: Campus Tijuca II, das 12h às 13h.	11	Vivência da oficina "Mulheres Negras e Literatura". Local: Campus Niterói, das 10h às 11:20.
03	Palestra com a jornalista Flávia Oliveira. Local: Auditório do Campus Engenho Novo II, às 13h.	12	Mostra de pinturas: "Todas as cores de uma mulher preta", seguida de roda de conversa com a artista Yasmin Ferreira. Local: Biblioteca do campus São Cristóvão III, das 12h às 14h.
		13	Demonstração do jogo "Dandara", seguida de debate (organização: NuGAME e Cinema Nosso) Local: Campus São Cristóvão II, Anfiteatro, 3º andar, das 12h às 13h..
		14	"Vozes-mulheres" - entrevista com a professora Glória Ramos, ex-professora do CPII e militante no combate ao racismo e promoção da igualdade racial. Local: auditório da PROGPPEC, 2º andar, às 16h.
		15	Mesa-redonda: "Eu, mulher, negra, ex-aluna do colégio Pedro II: desafios da universidade e da vida profissional. Participação de Cleissa Regina, Renata Bastos e Gabriele Roza. Local: campus Engenho Novo II, às 16:40

LEDI, NUGAME, FÓRUM DAS MINAS, ELOS, CINEMA NOSSO

Fonte: redes sociais da Oficina Mulheres negras e literatura, 2019

Figura 18 - Fórum das Minas



Fonte: redes sociais da Oficina Mulheres negras e literatura, 2019

#### 4.5 Fórum Permanente de Discussão Étnico-Racial

O Fórum permanente de discussão das relações étnico-raciais foi uma proposta pioneira que surgiu do encontro da professora Máxima Gonçalves, com um aluno que sentia a falta dessas discussões em seu cotidiano de aluno negro no ambiente escolar, a proposta logo encontrou a parceria de outros docentes vinculados ao NeabiCp2.

Vale ressaltar que, Máxima é uma das poucas professoras negras do *campus* Engenho Novo II e da equipe de português e literatura, da qual eu tive o imenso prazer de ser aluna durante a educação básica e a reencontrando agora na formação continuada.

A base do projeto é trazer uma discussão permanente a respeito da maneira como as relações raciais nos atravessam cotidianamente dentro da escola. O Fórum chegou a promover, junto com outros projetos, eventos importantes para a comunidade escolar, mas, de maneira geral, seu objetivo é que, ao longo de todo o ano letivo, essas discussões possam ocorrer de maneira multidisciplinar, atravessando e valorizando práticas

educacionais comprometidas com uma educação antirracista.

Um exemplo de atividade realizada pelo fórum foi a ida, em 2018, ao espetáculo teatral “Luiz Gama: uma voz para a liberdade”, sobre a vida de uma importante referência na história afro-brasileira. A atividade recebeu destaque no site do Colégio.

Assim como os outros grupos citados neste trabalho, o Fórum Permanente de Discussão Étnico-Racial possui estudantes bolsistas vinculados a ele. O Fórum está registrado no âmbito da iniciação artístico cultural – abaixo estão imagens dos banners apresentados em eventos oficiais do Colégio. Hoje o projeto tem como professora responsável Aline Torres, de Sociologia.

Figura 19 - Fórum Permanente de Discussão Étnico-Racial

**FÓRUM PERMANENTE DE DISCUSSÃO ÉTNICO-RACIAL**

**OBJETIVOS:**

Abrir um canal de diálogo sobre questões raciais, que englobem desde a denúncia da opressão e sua superação à afirmação dos valores sociais negros refletidos na história e na cultura africana e afro-brasileira;

Permitir a construção consciente da alteridade e da nostridade como práticas político-pedagógicas, tendo como foco a dinâmica das relações étnico-raciais;

Possibilitar a criação de práticas político-pedagógicas que apontem caminhos contra o preconceito e opressão racial, através da participação dos membros da comunidade escolar, estudantes, professores e funcionários.

**CAMPUS:**  
ENGENHO NOVO II

**PROFESSORA:**  
MÁXIMA OLIVEIRA GONÇALVES

**ALUNOS:**  
AGATHA SANTOS, ANA CAROLINA PONTES, CARMELIA FERREIRA, CLAIR CAVALCANTI, ELOAH PINTO, JOÃO FREITAS, LUCAS BULHOES, LUIZ NASCIMENTO, MYLLENA FERNANDES E PAULA DUTRA

Fonte: Site do Colégio Pedro II – Engenho Novo II, 2018

Figura 20 - Fórum Permanente de Discussão Étnico-Racial

**FÓRUM PERMANENTE DE DISCUSSÃO ÉTNICO-RACIAL**

**Objetivos:**  
Abrir um canal de diálogo sobre questões raciais, que englobem desde a denúncia da opressão e sua superação à afirmação dos valores sociais negros refletidos na história e na cultura africana e afro-brasileira.

Permitir a construção consciente da alteridade e da nostridade como práticas político-pedagógicas, tendo como foco a dinâmica das relações étnico-raciais;

Possibilitar a criação de práticas político-pedagógicas que apontem caminhos contra o preconceito e opressão racial, através da participação dos membros da comunidade escolar, estudantes, professores e funcionários.

**CAMPUS: ENGENHO NOVO II**  
**PROFESSORA: MÁXIMA OLIVEIRA GONÇALVES**  
**Alunos participantes do projeto:**  
Ana Carolina do Nascimento Pontes, Anna Beatriz Cardoso de Paula, Ceinalva Rosas de Souza Danilo, João Luis Nunes L. O. Freitas, Juan de Souza Fernandes Lima, Laura Ailana Luisa Ferreira da Silva, Marcos Felipe Noronha de Oliveira, Myllena Fernandes Lopes da Costa Rafael da Silva Magalhães, Suzana Beatriz G. da Silva, Thayane Cristina Costa da Silva

Fonte: : Site do Colégio Pedro II – Engenho Novo II, 2018

Infelizmente, o momento pandêmico em que estamos me impossibilitou de fazer uma pesquisa mais aprofundada sobre o projeto, pois são poucas as informações disponíveis na internet, mas sua presença neste trabalho se fez necessária, pois a professora Máxima certamente foi uma das mulheres que abriram o caminho para que os outros projetos que aqui foram apresentados se tornassem realidade, caminhando por um caminho outrora solitário.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a pesquisar projetos feitos por mulheres, docentes do Colégio Pedro II, que dialoguem com a construção de uma educação antirracista e que deem visibilidade aos conhecimentos produzidos, sobretudo, por mulheres negras, tendo em vista que sabemos que temos um currículo majoritariamente branco e masculino.

Assim, busquei aprofundar alguns conceitos ao longo do processo como epistemicídio e interseccionalidade, que nos ajudou a pensar o motivo desse apagamento histórico no processo de escolarização. Para isso, me debrucei em um aporte teórico majoritariamente preto e feminino. Atravessada por uma pandemia, esta pesquisa apresenta também seus limites, pois o campo pensado anteriormente não pôde ser executado e, conseqüentemente, o trabalho precisou tomar outros rumos. Sem contar os fatores externos – recordes de mortes diárias por conta da COVID-19, um governo totalmente descompromissado e a luta por uma sanidade mental mínima – que foram tornando a escrita um pouco mais árdua.

Desse modo, tentei trazer, através das novas possibilidades com trabalho remoto, as evidências de que os projetos pensados por mulheres e visibilizando mulheres negras têm feito a diferença em um colégio tradicional e secular.

É importante ressaltar o compromisso encontrado em cada um desses projetos com a manutenção de uma educação pública de excelência e que reúne um importante tripé educacional de ensino, pesquisa e extensão contribuindo para formação de uma sociedade mais justa, igualitária e com cidadãos que pensem criticamente.

Por fim, acredito que esta pesquisa não se esgote aqui. Com ela nasce o desejo de ver outros projetos, em outras áreas, idealizados por mulheres rompendo barreiras e movendo as estruturas, extrapolando os muros da escola.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Sílvia. Oficina mulheres negras e literatura: uma troca e um devir. **Nganhu – Revista NeabiCp2 e Geparrei**, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 1, p. 125-133, 2018. ISSN 2595-8682. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/nganhu/article/view/1871> . Acesso em: 14 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: MEC, 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm) . Acesso em: 22 fev. 2021.

CARNEIRO, Sueli Aparecida. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese de Doutorado (Doutorado em Filosofia da Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

Colégio Pedro II. **Regimento Interno do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros**. Portaria nº 3.764, de 11 de junho de 2014: define a vinculação administrativa do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros do Colégio Pedro II à Pró-Reitoria de Pesquisa, Extensão e Cultura. Disponível em : <http://www.cp2.g12.br/images/comunicacao/2014/set/CadernoGT.pdf>. Acesso em : 22 abril. 2021

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o Encontro de Especialista em Aspectos da Discriminação Racial relativos ao Gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-177, 2002. ISSN 1806-9584

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**. São Paulo: v.29, n.1, p. 167-182, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. ISBN 978-85-326-5579-0.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod\\_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20A9lia%20-%20Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira%20281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20A9lia%20-%20Racismo%20e%20Sexismo%20na%20Cultura%20Brasileira%20281%29.pdf) . Acesso em: 22 fev. 2021.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 1.ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013. ISBN 978-85-7827-703-1.

LIMA, Rogerio Mendes *et al* (org.). O núcleo de estudos afro-brasileiros do Colégio Pedro II: histórias de protagonismos negros. **O Novo Velho Colégio Pedro II**, Rio de Janeiro, v. 3, n. p. 48-62, 2017. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/blog/mpcp2/files/2017/12/Volume-3-Diversidade.pdf> . Acesso em: 22 fev. 2021.

MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília, DF: MEC, 2005.

PÉREZ, Caroline da Matta Cunha. **Educação das relações étnico-raciais e formação de professores: buscas e inquietações**. 2020. 151 f. (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. [Orientadora: Profa. Dra. Vera Maria Ferrão Candau] Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/49963/49963.PDF>. Acesso em: 16 mar. 2021

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Crianças negras entre a assimilação e a negritude. *In. Revista Eletrônica de Educação*. São Carlos-SP, Brasil, v. 9, ed. 2, ago. 2015. ISSN 1982-7199. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1137> . Acesso em: 11 fev. 2021.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. 2ªed, Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TOLENTINO, Luana. **Outra Educação é Possível: Feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2018.

VIOLA, Kamille. Feminismo se aprende na escola. **Marie Claire**, Rio de Janeiro, p. -, 16 maio 2019. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2019/05/feminismo-se-aprende-na-escola.html> . Acesso em: 14 abr. 2021.

XAVIER, Giovana. **Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história**. Rio de Janeiro: Malê, 2019. ISBN 978-85- 9273-650-7.

WESTIN, Ricardo. **Negro continuará sendo oprimido enquanto o Brasil não se assumir racista, dizem especialistas**. Agência Senado: Brasília, 22 jun. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/06/negro-continuara-sendo-oprimido-enquanto-o-brasil-nao-se-assumir-racista-dizem-especialistas> . Acesso em: 19 fev. 2021.

Colégio Pedro II. **Regimento Interno do Núcleo de Estudos AfroBrasileiros**. Portaria nº 3.764, de 11 de junho de 2014: define a vinculação administrativa do Núcleo de Estudos AfroBrasileiros do Colégio Pedro II à Pró-Reitoria de Pesquisa, Extensão e Cultura.

## ANEXO A – MEMORIAL MULHERES NEGRAS E LITERATURA 2017

1

<h2>MEMORIAL MULHERES NEGRAS E LITERATURA 2017</h2> <p>Professoras: Caroline da Matta, Ingrid Matos e Sílvia Barros. Campus Tijuca II</p> <p><a href="https://www.facebook.com/autorianegra/">https://www.facebook.com/autorianegra/</a></p>		
<h3>Atividades desenvolvidas pela Oficina Mulheres Negras e Literatura no ano de 2017</h3>		
<p>Oficina de Cartas inspirada pelo texto de Conceição Evaristo.</p>  	<p>AMIGA,</p> <p>Aqui estou novamente. As saudades são tantas e o receio também. Por isso quase desisto de buscar a sua casa, moradia que tanto me aquece. E se não nos encontrarmos mais? E se você tiver me colocado em algum lugar de uma defensiva deslembração? E se o silêncio que se alojou em cada uma de nós provocar um efeito amnésico apagando nossas fraternais experiências vividas em tempos anteriores?</p> <p>Amiga, o que fizemos de nossos desejos de encontros? O silêncio se tornou a nossa fala? Por que a nossa letra fugiu de nós mesmas parecendo se esconder no tempo do esquecimento? Tenho mais que saudades. Experimento um tipo de banzo, que me leva a sonhar com o território que abandonamos, logo depois de ter sido fecundado com nossos gestos de ternura e que distinguia uma terra-letra que queríamos como nossas.</p> <p>Você se lembra do chão onde firmamos nosso pacto? Creio que, se olharmos o solo, ainda veremos fortes vestígios de nossos passos, que vieram de longe, de muito longe... Veremos pegadas de mulheres que se inscreveram em nossa vida, antes mesmo de nossas escritas tomarem formas concretas de publicações. Aqueles passos anteriores, nossos presentes e os que virão não de se emparelhar, nos possibilitando o cruzamento de mãos.</p> <p>Então, amiga? Vamos ferir esse silêncio que nos machuca e reascender o pacto de criação de Cartas Negras? Vamos? Foi um momento tão fecundo. Havia tanta intenção em nossa fala-sentimento que entendi nossos gestos da hora, como uma celebração do nascimento de uma criação que se multiplicaria entre nós. (...)</p> <p>Amiga, creio que nosso silêncio não significa um irreversível esquecimento, mas apenas uma interrupção para intensificar nossos desejos e forças. Capto em nosso silêncio a imagem de corpos no jogo da capoeira, que recuam e avançam. Recuam e avançam... Neste exato momento visualizo corpos de mulheres em cena, na roda. Avanço e recuo de corpos. Tudo um jogo a significar a vida. Dos movimentos da capoeira uma lição, retiro. Recuo e avanço! Recuo e avanço! A cada recuo o corpo se potencializa e volta ganhando espaço. A volta traz sempre um corpo novo - no mesmo corpo anterior - porém potencializado na rapidez, na sagacidade, aprendizagens adquiridas na tática do recuo. Proponho, pois, nossa volta. Voltaremos potencializadas com mais vezes para juntas sustentarmos nossa confraria. (...)</p> <p>Amiga, sigamos concebendo as Cartas Negras. Espero viver o conforto de sua chegada. Guarde em você o meu intensificado carinho sempre e sempre.</p> <p>Conceição Disponível em: <a href="http://www.itaucultural.org.br/presskit/conceicao_evaristo/convocacao-conceicao-para-cartas-negras.html">http://www.itaucultural.org.br/presskit/conceicao_evaristo/convocacao-conceicao-para-cartas-negras.html</a></p>	
<p>Participação da oficina Mulheres Negras e Literatura na Jornada Cultural do Campus Tijuca II</p> 		

### Escrevemos cartas e lemos também trechos do romance da autora cubana Teresa Cárdenas:

Mãezinha,

encontrei um pedaço de espelho na rua.

Agora, passo o tempo todo me olhando. A testa, os olhos, o nariz, a boca...

Sabe de uma coisa? Descobri que meus olhos são parecidos com os seus, que não podiam ser mais bonitos, e que minha boca e meu nariz são normais. Não gostam que digam que os negros têm nariz achatado e beiçã. Se Deus existe, com certeza está furioso por ouvir tanta gente criticando sua obra.

Como acha que eu ficaria com olhos azuis, narizinho fino e boca feito uma linha? Horrrosa, não é verdade?

Por isso não deixo que passem pente quente em meu cabelo. Não quero ficar parecida com

sara. Prefiro fazer penteados. Como as africanas.

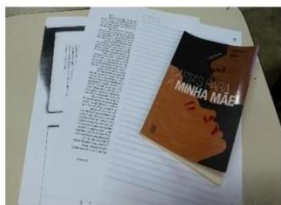
Antes, quando Lilita e Niña brincavam de jogar água uma na outra no banho, tomavam cuidado para que caísse só da cintura para baixo, porque, se o cabelo molhasse, ficava duro de novo.

Niña gosta de colocar as calçolas ou uma toalha na cabeça e andar de um lado para o outro cantarolando: "Meu cabelo é bom! Meu cabelo é liso!

Tenho vontade de rir, mas também me dá raiva.

Algumas pessoas não sabem ser negras. Tenho pena delas.

(Teresa Cárdenas, *Cartas para minha mãe*)



Minhas irmãs,

Eu sei que escrevemos cartas para quem sentimos saudades e já faz dias semanas que estou aqui. Mas também escrevemos quando temos algo importante a dizer, às vezes simples palavras que, no dia a dia, se perdem. Por isso aqui estamos.

A gente achou que o encontro ia ser só felicidade, né? Mas se vocês notarem, tudo que discutimos foi no intuito de uma se preocupar com a outra. Me sinto mal por precisarmos passar por momentos ruins, mas não me arrependo por zelar. Desculpa. (...)

Obrigada. Nunca nesse mundo que eu poderia escrever uma carta para as minhas pretas e não agradecer. A quilômetros de distância, são vocês que me fazem companhia, me encorajam em um novo mundo branco e nos fortalecemos. Companheiras daqui para sempre (...).

Um abraço,

Sua irmã de alma

(Lyz Ramos, ex-aluna, atualmente cursando comunicação na UFRGS)



### Troca de livros entre os professores do Campus Tijuca II



Caixa de livros na sala dos professores, apenas autoria negra

Mãe,

Mesmo com os erros, você sabe e sempre soube me orientar para o mundo e para a vida. E mesmo sendo mãe nova, você teve forças para amadurecer e me criar sozinha, sempre sendo mãe e pai ao mesmo tempo.

Agradeço também a minha avó, por ter sido uma mãe exemplar para você, pois graças a ela você se tornou a mãe que é pra mim.

Jéssica Coutinho, turma 1301





## Muro da (des)construção



Atividade de reflexão sobre o racismo e seus impactos no cotidiano



## Muro da (des) construção (Carol da Matta)

“Quem faz perguntas, não pode evitar as respostas.”\*

O racismo, no Brasil, tem a fama de ser disfarçado e brando e, normalmente, diz-se que é fruto do complexo de inferioridade daquele que sofre *na pele* o preconceito. No entanto, a despeito da mentira da democracia racial, sabemos – sabemos? – que ele existe e que faz vítimas todos os dias.

É preciso entender que o racismo é um sistema de opressão que nega direitos às pessoas negras, ou seja, é estrutural, pois estrutura e condiciona as relações sociais que construímos e pelas quais somos atravessados. Na pirâmide da nossa sociedade desigual, a base é composta pelos descendentes dos escravos que construíram este país. Os africanos da diáspora lutaram pela libertação ao longo dos séculos em que viveram escravizados, porém a luta por inclusão, reparação e justiça é uma empreitada que *ainda* nos cabe.

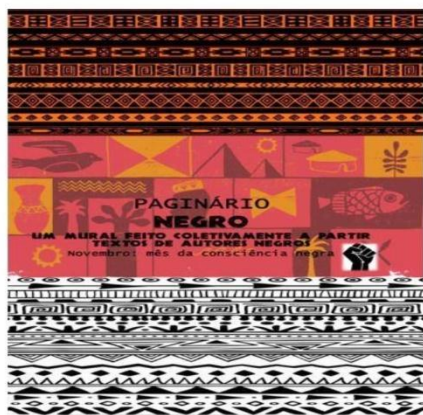
Além disso, é urgente que instituições e indivíduos reconheçam e desconstruam suas ideologias e práticas racistas. Mas não é fácil nem simples abrir mão de privilégios seculares. Primeiramente, nega-se a existência do racismo, visto que é moralmente vergonhosa a sua existência. Depois, aponta-se o dedo para o outro, reconhecendo apenas além de si o problema. Mas é preciso fazer a reflexão: será que é possível, tendo sido criado numa sociedade racista, não sê-lo? Será que eu, de fato, tenho empatia e me coloco no lugar das pessoas negras?

Refleta sobre as palavras que você usa ao se referir aos negros. Você já disse que algo ruim aconteceu ou foi mal feito por ser “coisa de preto”? Quantas vezes você já riu de piadas em que negros eram ridicularizados? Quantas vezes você já se calou diante de um comentário racista? Você já se relacionou com alguma pessoa negra? Já se questionou por que há tão poucos médicos, engenheiros, apresentadores, cientistas, empresários negros? Já se questionou por que há tão poucas médicas, engenheiras, apresentadoras, cientistas, empresárias negras? Já se deu conta de que as profissões mais subalternas ainda são realizadas por pessoas negras? Você já se perguntou que atitudes racistas você tem?

Esta atividade tem a proposta de ser construída coletivamente. É reponsabilidade de todos nós – cientes de nossas diferenças – lutar por uma sociedade em que os direitos e as oportunidades sejam iguais.

\*Provérbio africano.

## PAGINÁRIO NEGRO



PAGINÁRIO é um projeto idealizado por Leonardo Villa-Forte que tem sido realizado nas ruas do Rio de Janeiro desde o fim de 2013. A atividade consiste em criar, em paredes de rua, um mosaico literário de páginas de livros, selecionadas por seus leitores.

Para além do impacto visual que a proposta leva para a paisagem urbana, o PAGINÁRIO traz para nós a reflexão sobre a ocupação dos espaços públicos, sobre o lugar da literatura na atualidade e sobre o seu caráter individual/coletivo.

A partir dessas ideias, pensamos em aproximar essa reflexão à invisibilização de autoras e autores negros em nossas bibliotecas, em nossas casas, em nosso currículo escolar. Assim, convidamos nossos alunos do 8º e 9º anos a trazerem suas páginas de poesias, contos ou romances de autoria negra para montarmos o nosso PAGINÁRIO NEGRO.

O convite incitou questionamentos a respeito da autodeclaração ou não desses autores; a respeito dos temas escolhidos, que – diferente do que se pode pensar – não se limita ao *racismo*; e, ainda, a respeito do desconhecimento por parte dos alunos sobre a existência/qualidade de tais obras literárias.

Por Ingrid Matos

## Mulheres negras e sopa de letras na semana da consciência negra!



**Conversa com estudantes franceses do Collège International Noisy-le Grand sobre a importância do dia da consciência negra no Brasil.**



### **Visitas a outros campi do colégio**



No campus Niterói, as alunas Ágata do Nascimento, Jennifer Albuquerque, Victória de Souza participaram do sarau Paralelo Transversado, organizado pela professora Beatriz Petri.



São Cristóvão III Conversa sobre escritoras negras brasileiras.



São Cristóvão II Oficina "Cartas para minha irmã" no evento Quilombo

Algumas das obras lidas na oficina e compartilhadas por meio da caixa de trocas



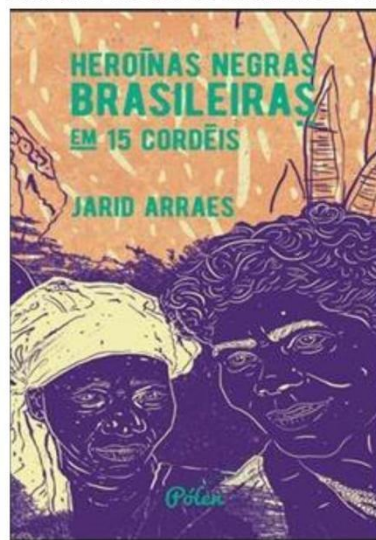
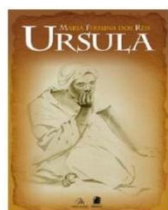
=> A voz de quem participou dos encontros da oficina

A Oficina de Mulheres Negras e Literatura tem sido uma das melhores experiências que tive no colégio, eu adorei todos os textos de autoria negra discutidos na oficina, e que vem muitas vezes abordando temas tão importante na atualidade. Sempre saio dos encontros com uma sensação maravilhosa e esperando pelo próximo encontro. Um dos melhores pra mim foi o realizado na biblioteca do colégio em busca de livros de autoria negra para saber quantos deles existiam nela. Achei uma atividade interessante, até porque não é algo que normalmente a gente pare para questionar. **Felipe Mesquita, 2202.**

Como estudante negra sinto uma falta absurda de autores negros dentro da grade escolar e, quando soube da oficina, logo me interessei para descobrir todo aquele conhecimento e cultura que não chega tão facilmente.

Participo da oficina desde o primeiro encontro, e a cada encontro, a cada autora lida, a cada debate sinto que estou mais próxima a minha ancestralidade e cultura. Me sinto acolhida e com voz para debater diversos assuntos que são colocados em pauta, sem medo e de compartilhar momentos.

Um dos encontros mais marcante foi durante a oficina de cartas, quando a professora Carol leu a carta que ela escreveu para a professora Sílvia e eu senti uma mistura de sentimentos. Um momento tão lindo, repleto de esperança, felicidade, admiração, gratidão que eu percebi que juntas nós somos mais fortes e que sou muito grata por todo o conhecimento que ganhei e por ter a oportunidade de participar dessa oficina. **Mariana Cordeiro, 1205.**



Uma oficina maravilhosa, em que pude conhecer mil realidades na base dos textos trabalhados na oficina. Além disso, pude amadurecer e descobrir novos gostos literários. **Layla Barbosa, 1203.**

**Maria Clara Almeida dos Santos**, este é o meu nome. Ex-aluna do Colégio Pedro II Campus Tijuca II e ex-frequentedora da Oficina Mulheres Negras e Literatura. As experiências que eu tive durante cada um dos encontros de sexta à tarde foram extremamente marcantes, porque foi naquele espaço que eu consegui aprender mais sobre a cultura negra, mais sobre o poder da mulher negra e, com isso, mais sobre o meu poder e minha história como mulher negra e aluna negra de um colégio federal. Eram textos profundamente tocantes que me fizeram ter um olhar diferente sobre assuntos que antes eu já tinha vivenciado, mas não sabia o motivo disto: como a vontade de se ter um cabelo liso, uma pele mais clara ou um nariz mais fino e a oficina me explicou como somos lindas e fortes do jeito que nascemos e me ajudou a construir uma força que me ajuda a não abaixar a cabeça perante atos de racismo entre outros preconceitos e ver o quão Ubuntu precisamos ser, pois andamos bem sozinhas, mas juntas caminhamos melhor, somos mais fortes.

Depois da oficina eu visualizei minha bagagem cultural ser aumentada com os textos, por exemplo, de Carolina de Jesus e Angela Davis (pela qual desenvolvi um amor e admiração intenso). Agora eu não mais conhecia apenas homens brancos ou mulheres brancas na literatura, mas mulheres negras. Eu tive a oportunidade de ver o pouco, porém valioso espaço de representatividade negra que temos. A importância desta oficina não tem como ser medida, pois os efeitos que ela causa são magníficos, já que oferece o espaço que nós negras sempre quisemos, mas não tivemos a oportunidade de se ter antes na escola. Eu vi com essa oficina não só quem frequentava evoluir, como o colégio também. Eu vi alunos mudarem de opiniões (para melhor) depois de refletir sobre algo que alguma aluna da oficina tinha dito em relação ao espaço do negro na sociedade. O Colégio Pedro II da Tijuca tem muito o que evoluir e esta oficina só irá ajudar. Espaço de representatividade é algo importante para todos e a oficina mostrou o quão real é esta afirmação.



**Eu sou, porque nós somos! Ubuntu!**



## ANEXO B – MEMORIAL MULHERES NEGRAS E LITERATURA 2018

### Memorial Oficina Mulheres Negras e Literatura 2018

Professoras Caroline da Matta, Ingrid Matos e Sílvia Barros – *Campus Tijuca II*



Encontros da Oficina



Leituras fundamentais de 2018:

*Quando me descobri negra*, de Bianca Santana



Contos variados de Conceição Evaristo



#### Olhos d'água – Conceição Evaristo

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada custei reconhecer o quarto da nova casa em que estava morando e não conseguia me lembrar de como havia chegado até ali. E a insistente pergunta, martelando, martelando. De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusatório. Então, eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?





## Curso de Extensão Mulheres Negras e Literatura



Uma iniciativa com o objetivo de compartilhar as experiências da oficina com docentes de outros segmentos, outros campi, outras disciplinas e outras redes.

## Oficina de produção de materiais didáticos à luz da lei 10.639/03 – Curso de Especialização em Educação Para as Relações Étnico Raciais.



## Eventos do mês de novembro



**1º ENCONTRO ABAYOMI**  
09/11/2018 Campus Tijuca II

**Programação**

- 10:40-12h – Exibição do filme Kbelá e debate – sala 15
- 12h-13h – Oficina mulheres negras e literatura – sala 41
- 13h-14:30 – Oficina de turbantes – sala 41
- 13:00-14:30h – Oficina de Passinho – auditório
- 14:30-16h – Oficina de boneca Abayomi – sala 41
- 16:30-18h – Oficina de boneca Abayomi – sala 41





### Oficina 1º encontro ABAYOMI

#### Mulheres Negras e Literatura

Quais são as mulheres negras criadoras de arte, informação e conhecimento que você conhece? Vamos falar sobre elas?

Dia 09/11 ao meio dia

Campus Tijuca II - sala 411



**Oficina Mulheres Negras e Literatura na 1ª Olimpíada de Filosofia Intercampi**



**Sopa de Letras – Edições *Escola Sem Racismo* e *Mês da Consciência Negra***



## Apresentações acadêmicas com os resultados do projeto

Ceduce 2018 (UFF)



Nupell 2018 (Campus Humaitá)

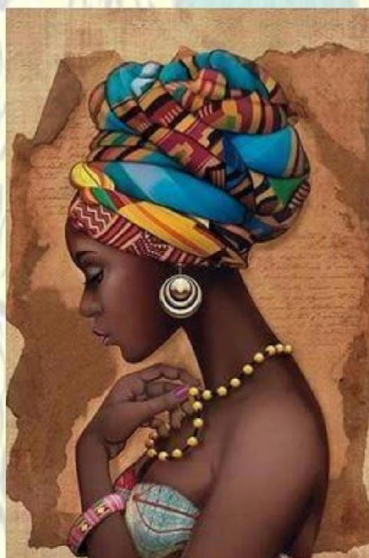




### Produção de participantes da oficina

Quando descobri ser negra?  
Sei lá... Acho que foi com a vida  
Sempre fui a moreninha  
De cabelo crespo  
Que raspava o cabelo  
Porque por fora  
Me viam como um garoto  
O tempo foi passando  
E fui me questionando  
Se o meu pai é preto  
Minha tia, tios, avós e bisavós  
São pretos  
E se eu faço parte dessa família  
Então eu  
Tenho sangue de preto também  
Claro, neste contexto,  
eu sou bi racial  
Porque meu pai já me disse  
Que não queria que eu fosse tão preto quanto ele  
Falou que teria mais chances de sobreviver à dura realidade  
E ele não estava errado  
Por mais que eu sofra com o racismo  
O mesmo me atinge muito pouco  
Perto do que meu pai sofre por ser mais retinto que eu  
Mas como nasci mais café marrom  
Do que café com leite  
A vida e o cotidiano me fizeram compreender  
Que eu sou negra  
Será que você consegue definir quem você é?  
Em um mundo tão doentio  
Se aceitar negro  
É a mesma coisa que assinar seu atestado de óbito  
Mas, calma, tenho certeza de que dias melhores virão  
Em vazios corações  
De quem não aprendeu que a escravidão já acabou  
E que amanhã pode ser uma juíza negra  
Que te prende por injúria racial  
(Jonny Lara)

50 anos depois  
E ainda temos que lutar contra a inércia e a ignorância  
Muita coisa melhorou devido às circunstâncias  
Mas Panteras ainda têm que viver dentro de nós, negros  
Para que sejamos mais nós mesmos  
Toda aquela luta não foi a esmo  
Conhecer nossa história é essencial  
Porque somos essência muito mais que cor  
E já chega de tanta dor  
Sem medo de se impor  
Explorar nossa estética que nos une  
A nossa cultura  
Sempre mantendo a postura  
Nós, excluídos das revistas,  
Sejamos nossa própria referência  
E, como Tommy Smith,  
Representemos resistência.  
(Yasmim Moraes)



***“Numa sociedade racista, não basta não ser racista é necessário ser antirracista”***  
**Angela Davis**



**ANEXO C – FÓRUM PERMANENTE DE DISCUSSÃO ÉTNICO RACIAL 2018**

## FÓRUM PERMANENTE DE DISCUSSÃO ÉTNICO RACIAL

Máxima de Oliveira Gonçalves

Ensino Fundamental e Ensino Médio

Campus Engenho Novo II



### **Apresentação:**

Este projeto propõe a discussão das relações étnico-raciais no ambiente escolar, através de abordagem político-pedagógica multidisciplinar. Visa à análise crítica das tensões raciais, permeada por debate e diálogo, no contexto da sociedade brasileira e da diáspora africana, refletidas nas práticas culturais, sociais, político-econômicas, jurídicas, linguísticas e literárias que perpetuam o sistema de exclusão racial, balizador de relações desiguais entre brancos e não brancos. Busca afirmar positivamente

a identidade étnico-racial afrodescendente e índio-descendente, requerendo protagonismo aos conhecimentos e à ancestralidade africana e indígena em face da abordagem curricular eurocentrada, típica na educação formal brasileira.

Cabe ressaltar que esta proposta foi elaborada inicialmente pelos professores Fabiana de Lima Peixoto e Osmar Soares Filho como pré-requisito para a Dedicção Exclusiva e que desde o desligamento da professora Fabiana dessa instituição tenho dado continuidade a este projeto.

**Objetivo Geral:**

Educar para as relações étnico-raciais.

**Objetivos Específicos:**

- ✓ abrir um canal de diálogo sobre questões raciais, que englobem desde a denúncia da opressão e sua superação à afirmação dos valores sociais negros e indígenas refletidos na história e na cultura africana e afro-brasileira e indígena.
- ✓ repensar o lugar da identidade negra e indígena na formação do educando petrossecundense, através da audiência a vozes de diferentes origens, em diálogo com foco nas relações étnico-raciais;
- ✓ permitir a construção consciente da *alteridade* e da *nostridade* como práticas político-pedagógicas, tendo como foco a dinâmica das relações étnico-raciais;
- ✓ refletir sobre os valores éticos, estéticos, étnicos, religiosos, morais, psicológicos que corroboram para a manutenção da opressão racial na sociedade brasileira, no contexto da diáspora africana e do racismo ambiental, que exterminou e extermina as populações indígenas no contexto da colonização e seus desdobramentos.
- ✓ possibilitar a criação de práticas político-pedagógicas que apontem caminhos contra o preconceito e opressão racial, através da participação dos membros da comunidade escolar, estudantes, professores e funcionários.

**Recursos utilizados:**

- ✓ Sala de aula para os encontros semanais;
- ✓ Auditórios, bibliotecas, sala de informática ou qualquer outro espaço do campus apropriado para o desenvolvimento da atividade pedagógica, evento escolar, acadêmico ou artístico-cultural.

**Passo a passo:**

A metodologia utilizada é de perspectiva multidisciplinar e intercultural. Nesse sentido, as práticas educativas serão construídas no diálogo constante e aberto com os participantes do Fórum, no intuito de produzir e divulgar práticas educacionais comprometidas com a emancipação de grupos sociais e raciais subalternizados na sociedade brasileira.

Seguindo tal perspectiva teórico-metodológica, os encontros semanais serão em formato de oficinas que não separem a conscientização corporal do desenvolvimento cognitivo. Na medida em que a corporeidade dos grupos étnico-raciais subalternizados tem sido historicamente inferiorizada por estereótipos, esse corpo estará sempre presente de maneira positiva, no intuito de levar os nossos alunos ao protagonismo social e discursivo. A partir das demandas cognitivas e intelectuais deles, novas metodologias e estratégias pedagógicas serão desenvolvidas. A tônica, portanto, será a abertura e o contato criativo e produtivo com o conhecimento, evitando dualismos maniqueístas que preconizam, por exemplo, a separação da oralidade e da escrita; do conhecimento corporal e do conhecimento mental; do ensino e do aprendizado; da razão e da emoção; da gramática e literatura da política; do branco e do negro enfim.

Essa abertura também fará parte da concepção e produção de eventos sobre a temática do Fórum para toda a comunidade escolar e de toda e qualquer atividade pedagógica realizada por esse grupo.

**Tempo de duração:**

O projeto é desenvolvido ao longo do ano letivo.